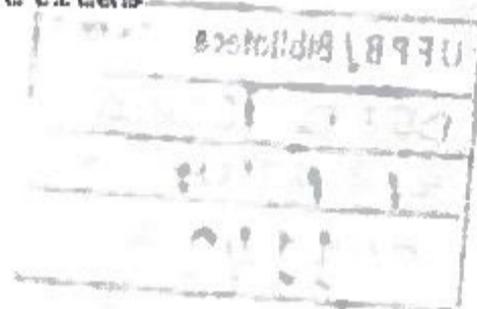


UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIENCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES



NADEGE DA SILVA DANTAS

ATLAS LINGÜÍSTICO DA PARAIBA:  
uma leitura das cartas léxicas e fonéticas



Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, através do seu Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Letras.

AREA DE CONCENTRAÇÃO: Língua Portuguesa  
ORIENTADORA: Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão  
CO-ORIENTADOR: Dr. José Elias Borges

JOÃO PESSOA - PARAIBA  
1993

Atlas Linguístico da Paraíba: uma leitura das cartas léxicas e fonéticas.

NAGEDE DA SILVA DANTAS

DISSERTAÇÃO APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

.....  
Dra. MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO(UFPB)

ORIENTADORA

.....  
1.º EXAMINADOR

.....  
2.º EXAMINADOR

João Pessoa - Paraíba

1993

Aos meus pais, Ceci e José Miguel, cujas experiências,  
bondade e paz souberam marcar os traços de minha personalidade.

Aos meus irmãos, que nunca deixaram faltar sua amizade,  
companheirismo e incentivo.

DEDICO ESTE TRABALHO

A Deus, maior fonte de luz e inspiração.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pela oportunidade concedida.

A Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante o curso.

A prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão, pela orientação, apoio e incentivo na realização do presente trabalho e no decorrer do Curso.

Ao prof. Dr. José Elias Borges, pela co-orientação, carinho e amizade inestimáveis.

A prof. Cleusa Palmeira B. de Menezes, pelas importantes contribuições apresentadas para a melhoria deste trabalho.

Aos colegas do Curso, pelo companheirismo e oportunidade de compartilhar experiências.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, muitas vezes, anonimamente, contribuíram para que fosse alcançado mais este objetivo de minha vida.

AGRADEÇO.

## ORAÇÃO POR ENTENDIMENTO

Senhor Jesus!

Auxilia-nos a compreender mais, a fim de que possamos servir melhor, já que, somente assim, as bênçãos que nos concedem podem fluir, através de nós, em nosso apoio e em favor de todos aqueles que nos compartilham a existência.

Induza-nos à prática do entendimento que nos fará observar os valores que porventura, conquistamos, não na condição de propriedade nossa e sim por manancial de recursos que nos compete mobilizar no amparo de quantos ainda não obtiveram as vantagens que nos felicitam a vida.

E ajuda-nos, oh! Divino Mestre, a converter as oportunidades de tempo e trabalho com que nos honraste em serviço aos semelhantes, especialmente na doação de nós mesmos, naquilo que sejamos ou naquilo que possamos dispor, de maneira a sermos hoje melhores do que ontem, permanecendo em ti, tanto quanto permaneces em nós, agora e sempre.

Assim seja.

EMMANUEL

Francisco Cândido Xavier

## SUMARIO

RESUMO

INTRODUÇÃO .....	2
1. DIALETOLOGIA E GEOGRAFIA LINGUISTICA	
1.1. Objeto, caracterização e definições .....	5
1.2. ATLAS LINGUISTICOS	
1.2.1. Geografia Linguística e Atlas Linguístico - breve histórico .....	11
1.2.2. Atlas Linguísticos no Brasil .....	16
2. ESTRUTURA LEXICAL	
2.1. A Dialetoлогия e suas relações com a Lexicologia e a Lexicografia .....	25
2.2. Léxico / Vocabulário .....	31
3. CAMPOS SEMANTICOS	
3.1. Considerações sobre a Semântica .....	38
3.2. Noção de campo semântico .....	43
3.3. Teoria dos campos .....	46

4. ATLAS LINGUISTICO DA PARAIBA

4.1. Análise semântica das Cartas léxicas e fonéticas .....	52
CONCLUSÃO .....	72
NOTAS BIBLIOGRAFICAS .....	74
ANEXOS .....	78

## SUMMARY

The objective of this work is to present a semantic analysis of the lexical and phonetic maps of the Linguistic Atlas of Paraiba, considering the socio-cultural level of the informants within other aspects. Hence, based on the results of the analysis, this dissertation proposes an accessible reading to those who are interested in obtaining a better understanding of the whole linguistic content provided by the lexical and phonetic maps of the Linguistic Atlas of Paraiba.

## INTRODUÇÃO

No Brasil, sobretudo no Nordeste, as pesquisas na área da Dialetologia não apresentam uma tradição, embora várias tentativas tenham despertado o interesse de estudiosos no que se refere aos falares regionais.

Se em termos de Brasil o estudo dos falares não tem sido a preocupação maior dos linguistas, no Nordeste, esse problema assume dimensão bem maior. Poucos são os estudiosos que se dedicaram ou se dedicam a esta linha de pesquisa, e mesmo os trabalhos que já foram realizados, não são convenientemente divulgados para que deles se tenha conhecimento ou se possa fazer uso.

O levantamento dos estudos dialetológicos em nossa região ainda não foi feito de forma sistemática.

Face a essa problemática, escolhemos como corpus para análise deste trabalho, o Atlas Linguístico da Paraíba, de modo que não será utilizado todo o material, trabalharemos apenas com algumas cartas léxicas do Atlas.

A língua será observada sob vários enfoques, levando-se em consideração o nível sócio-cultural dos informantes, além de outros aspectos.

Analisaremos as formas e estruturas linguísticas, como traço da linguagem popular regional.

O presente trabalho dividir-se-á em quatro capítulos. No primeiro, será feito um apanhado dos principais atlas linguísticos publicados no Brasil e no mundo, envolvendo algumas considerações em torno da Dialetoologia. Nos dois capítulos subsequentes delimitar-se-ão os pressupostos teóricos que fundamentarão a análise, entre estes, considerações sobre Lexicologia, Lexicografia, além das diferentes visões entre léxico e vocabulário. No quarto e último capítulo, será feita uma análise semântica das cartas léxicas do Atlas Linguístico da Paraíba, possibilitando, assim, uma leitura que caracterize alguns aspectos do falar paraibano, tendo como ponto de partida a observação direta no Atlas. Essa caracterização parte do estudo do léxico de língua falada, visto que se apresenta sob uma maior expressividade no contexto das cartas.

Através deste estudo, tentaremos situar os termos, delimitando o lugar de ocorrência de cada carta estudada, para melhor compreensão por parte do leitor.

As cartas serão apresentadas conforme aparecem no Atlas; visando a um melhor entendimento do termo, antes da análise propriamente dita, apresentaremos a etimologia do termo-base, seguida pela indicação do campo semântico a que pertence, bem como de suas variantes linguísticas. Como podemos observar, através do Atlas Linguístico da Paraíba, cada carta reúne um grupo de palavras, simples e/ou compostas, ligadas ao termo-base por uma mesma área de significação.

A análise que ora propomos, representa apenas uma amostra acessível, esperamos, a um público que se dispõe a

conhecer melhor o manancial linguístico fornecido pelas cartas  
léxicas do Atlas Linguístico da Paraíba.

## 1. DIALETOLOGIA E GEOGRAFIA LINGUISTICA

### 1.1 OBJETO, CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÕES.

O moderno desenvolvimento dos estudos dialetológicos é bastante conhecido. Minuciosas e pacientes pesquisas que se resumiram no Atlas Linguístico da França, teriam prenunciado a criação da Geografia Linguística. A realização de tais pesquisas, na Itália, por Ascoli, na Alemanha e na Austria por Schuchardt, cujos métodos seriam difundidos, por volta de 1900, pelos trabalhos do linguista franco-suíço Jules Gilliéron, proporcionou uma nova visão aos estudos puramente históricos, pois, como resultante dessa soma de pesquisas, uma crescente atenção foi dada aos dialetos vivos, bem como ao estudo da repartição geográfica das formas e das palavras, suas áreas de extensão e limites dialetais.

A partir das pesquisas dos neogramáticos para estabelecer as "leis fonéticas", nasce a Dialetologia, que, embora concebida de maneira sistemática na Alemanha, estabeleceu-se definitivamente a partir dos trabalhos de Gilliéron.

Desde essa época, a Dialetologia era considerada pelos romanistas europeus como uma disciplina diacrônica, tendo revelado um progresso relativo até os dias atuais.

Através de seus métodos, a Dialetologia procura mostrar que no interior de uma língua, existem variações que justificam sua evolução histórica, as quais podem ser estudadas pelo menos em três planos que indicam que as línguas se diversificam por meio de fatores de ordem histórica, social e estilística.

E a partir dessa diversidade que os diferentes grupos sociais constroem suas normas particulares, pois é difícil compreender a progressão de uma mudança na língua fora da vida social da comunidade em que se produz, ou seja, não se pode estudar as variações de uma determinada língua, sem conhecer o meio em que ela é escrita ou falada. Portanto, para se descrever a língua da população rural, por exemplo, é necessário familiarizar-se com os costumes, bem como os métodos de trabalhos ali existentes.

Sabendo-se que uma língua tende a sofrer variações no decorrer de sua história, a Dialetoлогия preocupa-se com o estudo dessas variações, sob os mais variados aspectos, procurando estabelecer o mapa da área estudada.

Diante disso, convém lembrar as estreitas relações entre a Dialetoлогия e a Geografia Linguística. Ambas se preocupam com os dialetos. Diferem apenas quanto à maneira de apresentar o material linguístico. Enquanto a Dialetoлогия destina-se ao estudo das variações linguísticas, sob um ponto de vista histórico, geográfico, social, político, dentre outros aspectos, a Geografia Linguística preocupa-se com a representação dessas variações em mapas. De modo que não se trata de uma franca oposição entre Dialetoлогия e Geografia Linguística, uma deve ser completamentada pela outra.

Segundo ARAGÃO, "as diferenças dialetais ou regionais de uma determinada língua são estudadas através da Dialetoлогия"(1). Citando RECTOR, acrescenta, ainda, a autora que "a Dialetoлогия é um dos ramos da Linguística que tem como finalidade estudar os dialetos detectando formas específicas de uma zona linguística, sintetizando-as e interpretando os traços distintivos."(2)

O que se pretende, aqui, não é insistir na diversidade da língua, porém se torna necessário observar as causas dessa diversidade no comportamento linguístico de uma dada comunidade. Na realidade, as comunidades linguísticas apresentam uma heterogeneidade e uma complexidade tais que é extremamente difícil encontrar critérios que permitam circunscrevê-las com exatidão, pois a diversidade da língua não se restringe a questões interindividuais, seja do ponto de vista geográfico, seja do social, não há falantes de região e meio social homogêneos que falem sempre da mesma maneira. No seio de uma mesma comunidade linguística é possível encontrar variação de estilo entre os falantes, de acordo com as circunstâncias em que o ato de fala se produz. Essa variação de uso da linguagem pelo mesmo falante, poderia também ser chamada, no dizer de PRETI, de variedade estilística, no sentido de que o usuário escolhe, de acordo com a situação, um estilo que julga conveniente para transmitir seu pensamento, em certas circunstâncias. Tal variedade pode ser definida como resultado da adaptação do ato de fala.(3)

Muitas vezes, não se pode distinguir o dialeto de uma região e o de uma outra, normalmente vizinha, de maneira precisa, uma vez que, no decorrer do tempo, diluem-se uma na outra, à medida que passam de um falante a outro, "não avançam por conta própria e independentemente dos indivíduos falantes, mas passam de um indivíduo a outro, e a rapidez e amplitude da sua difusão dependem do prestígio dos indivíduos e dos centros inovadores".(4)

Visto que o dialeto inclui variedades, não só de pronúncia, mas também de vocabulário, vale ressaltar algumas

definições visando a uma melhor compreensão do assunto em discussão.

Sendo uma variedade de língua, a noção de dialeto será melhor entendida a partir da definição de "língua", que no dizer de ARAGÃO, pode ser definida como

"um sistema de oposições funcionais que serve de instrumento de comunicação, suporte de pensamento e meio de expressão dos indivíduos de um determinado grupo social."(5)

Embora evoque a idéia de uma unidade, indivisível, a língua, ou sistema linguístico, é composta de infinitas variações que são os dialetos.

Para DUCROT E TODOROV,

"dialeto é um falar regional no interior de uma nação onde domina oficialmente um outro falar."(6)

Nota-se que os referidos autores não separam dialeto e falar, utilizam o termo falar para definir o dialeto.

Dada a dificuldade em estabelecer uma distinção precisa entre dialeto e falar neste trabalho os termos serão utilizados como sinônimos, pois como afirma ARAGÃO "tanto em Portugal como no Brasil é aceito pelos estudiosos que em nosso país não há dialetos, mas falares. Portanto, ainda no dizer da autora, "a tendência geral, atualmente, é usar os termos dialeto e falar como sinônimos ou parassinônimos".(7)

Desde os estudos mais remotos, centrados na fala, o dialeto evoca a idéia de dependência. Há sempre uma tendência em

subordinar os dialetos a determinadas línguas. Verifica-se que, neste caso, a língua é maior e tem mais prestígio que o dialeto, que indica uma língua menor, diferenciada, dentro de uma língua maior que é o idioma, unidade linguística de uma nação e não um modo de falar único, e os dialetos representam os membros dessa face maior.

De acordo com a opinião de vários autores, o dialeto pode ser considerado uma variedade de fala que se distingue da língua-padrão por variações de vocábulo, de pronúncia e de morfologia peculiares a uma determinada área geográfica. A língua utilizada é a mesma, aparecendo, porém, sob dialetos diferentes.

Para DUBOIS, "dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usado em um ambiente mais restrito que a própria língua". Reconhece o dialeto regional e o social. (8)

Essa combinação sobre a língua e a sociedade, mostra que, para alguns de seus aspectos, a língua não pode ser estudada fora do meio em que é utilizada.

Ao definir o dialeto, ROBINS diz que o termo é usado para: 1)"formas de fala diferentes, mas mutuamente inteligíveis sem aprendizado especial; 2)as formas de fala correntes dentro de uma área politicamente unificada e, 3)forma de fala de falantes que compartilham um sistema de escrita e uma literatura comum".(9)

A partir da necessidade de se estudar vários dialetos ao mesmo tempo, reconhece-se a importância da Dialetoлогия que, através de seus métodos, poderá esclarecer os fatores das diferenças dialetais.

Assim como explica DUBOIS a Dialetoлогия "assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites".(10)

As diferenças dialetais marcadas geograficamente são estudadas pela Geografia Linguística, através de cartas que constituem os atlas linguísticos.

Os mapas linguísticos mostram como justamente nas regiões limítrofes ou de transição é que as palavras variam facilmente, motivadas pelas características dos falantes e do grupo a que pertencem, ou pelas circunstâncias em que o ato de fala se produz. Isso é possível, tanto de língua para língua, como de dialeto para dialeto, o que explica por que os mapas linguísticos não apresentam o aspecto regular nem nitidez de limites que os neogramáticos esperavam encontrar.

Para os dialetólogos, os mapas linguísticos representam dados importantes, na busca de novos ambientes, sobretudo, para uma interpretação mais ampla da linguagem regional.

## 1.2 ATLAS LINGUISTICOS

Um grande avanço nos estudos dialetológicos vem sendo revelado, nas últimas décadas, através dos atlas linguísticos. Este meio que a Geografia Linguística colocou à disposição dos especialistas é capaz de oferecer um inventário mais completo sobre as variações linguísticas de um dado território.

Conforme afirmação de SILVA NETO, "os atlas linguísticos são reuniões de cartas em que o material linguístico está distribuído topograficamente".(11)

Cada carta apresenta os meios de que uma comunidade se serve para exprimir determinado conceito, tais como as designações para um objeto. Desse modo, estudando-se uma carta, estuda-se o fato da terminologia referente a qualquer objeto.

Tais designações procuram esclarecer, não as diferenças, mas sim as semelhanças dentro de cada dialeto, mostrando de que maneira os membros de uma comunidade linguística adequam a sua linguagem uns aos outros.

No dizer de IORDAN, "o atlas linguístico introduz-nos no laboratório da língua viva, dando-nos a possibilidade de assistir ao trabalho difícil e apurado da linguagem humana. Num atlas estão expostos os dados de uma experiência linguística, que interessam aos especialistas, por si sós e, sobretudo, pelas perspectivas que abrem".(12)

A representação dos dialetos, em mapas, busca demonstrar o estado da língua falada em um dado momento, contribuindo, consideravelmente, com a riqueza de variedades de que dispõe a linguagem humana.

#### 1.2.1 GEOGRAFIA LINGUISTICA E ATLAS LINGUISTICO-Breve histórico

A Geografia Linguística é considerada um ramo da Dialetoлогия que se destina à representação dos dialetos em mapas, visando observar e analisar a linguagem regional nas particularidades linguísticas que a distinguem da fala padrão.

Sendo o estudo cartográfico dos dialetos, a Geografia Linguística consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal; o conjunto desses mapas forma o atlas linguístico da região estudada.

Considerando a importância dos estudos da Geografia Linguística, lembremos SILVA NETO

"Os atlas linguísticos, além do comparatismo sincrônico, nos proporcionam a reconstituição de antigas fases, quer dizer, a distribuição geográfica atual das palavras e das formas enseja-nos situá-las cronologicamente, definir-lhes as relações e reconstituí-lhes a gênese. Uma carta linguística oferece-nos, ao mesmo tempo uma visão sincrônica e uma visão diacrônica".(13)

O primeiro atlas linguístico nacional, organizado de acordo com as exigências científicas, foi o ATLAS LINGUISTICO DA FRANÇA(1902-1910), dirigido pelo franco-suíço Jules Gilliéron. A partir daí, tiveram início as demais pesquisas destinadas aos estudos dialetológicos. Para a execução desse trabalho, Gilliéron contou com a ajuda de seu companheiro de luta, Edmond Edmont para a pesquisa de campo. Durante quatro anos e meio, de 1897 a 1901, percorreu toda a França, sem interrupção, aplicando um questionário contendo mais de 1900 perguntas em 639 localidades de língua francesa. Uma vez concluído o inquérito em uma localidade, o caderno de respostas era enviado a Gilliéron, que se encarregava de preparar as cartas. Os atlas contém mais de 1920 cartas, correspondendo cada qual a uma das pesquisas do questionário.

Isto não significa que o trabalho de Gilliéron tenha dado início a essa área de pesquisa. O Alemão George Wenker publicou em 1881 seis mapas, como primeiro elemento de um atlas da Alemanha, do Norte e do Centro, porém a obra não foi avante. No final do seu trabalho, chegou à conclusão de que não existem fronteiras dialetais, visto que as isoglossas, segundo IORDAN "corriam de modo irregular e curioso e eram descontínuas".(14)

Outra iniciativa que precedeu a de Gilliéron, foi a de GUSTAV WEIGAND, através do ATLAS LINGUISTICO DACO-ROMENO, publicado em Leipzig (1909). Este atlas representa um progresso em relação a outras obras anteriores do mesmo tipo. Apresenta um questionário previamente elaborado, aplicado pelo próprio autor, através do inquérito direto.

Porém o primeiro atlas nacional é, sem contestação, o de Gilliéron, considerado o pai da Geografia Linguística. A ele sucederam-se vários estudiosos na França dentre os quais, A. Dauzat que, através de sua experiência no domínio da Geografia Linguística, organizou um novo Atlas Linguístico da França, desta vez, por regiões menores, e acompanhando cada atlas, álbuns ilustrados com a apresentação de objetos característicos das regiões estudadas.

O ATLAS LINGUISTICO DA CORSEGA (ALC) aparece como continuação do ATLAS LINGUISTICO DA FRANÇA, cujo material, reunido por EDMONT, analisado e organizado por GILLIERON, duplicou em riqueza ao que serviu para o segundo Atlas Linguístico da França. Dos dez volumes previstos, só quatro foram publicados.

Na Espanha, o ATLAS LINGUISTICO DA CATALUNHA (Alcat) surge cronologicamente sob a organização de ANTON GRIERA, cuja coleta

realizou-se de 1912 a 1921 e abrange todas as áreas linguísticas catalãs, quais sejam, a região de Rousillon (França), Andorra, a Catalunha propriamente dita, a região costeira de Valência (inclusive a provincia de valência), as Ilhas Baleares e a cidade de Alghero, na Sardenha. Ao contrário de outros autores de trabalhos dessa natureza, Griera trabalhou sozinho do começo ao fim. Foram publicados cinco volumes com uma totalidade de 858 cartas.

Seguindo o exemplo dado por Gilliéron, empreendeu-se, na Suíça, uma obra que veio a aperfeiçoar o seu método e a consagrar a Geografia Linguística, o ATLAS LINGUISTICO E ETNOGRAFICO DA ITALIA E DA SUICA MERIDIONAL (AIS). Os oito volumes do atlas reúnem, no total, 1705 cartas e foi publicado entre 1928 e 1940 por KARL JABERG e JAKOB JUD. O atlas de Jaberg e Jud representa um avanço em comparação com trabalhos semelhantes publicados até então. Várias inovações foram introduzidas, com relação aos inquiridores, que eram especializados e em número de três; aos questionários em número de três; aos pontos escolhidos, preferindo as grandes cidades, como Milão, Florença, Nápoles, entre outras; e ao material pesquisado, no qual se deu a preferência ao elemento vocabular e não fonético.

Além desses trabalhos, vale ressaltar outros cuja organização deve-se ao prof. MANUEL ALVAR, principal incentivador da Geografia Linguística no domínio hispânico. Foram publicados cronologicamente os Atlas de Andaluzia (ALEA), das Ilhas Canárias, de Aragão (ALEAR), de Navarra e Rioja (ALENR), entre outros. Manuel Alvar é colaborador do Atlas Linguarum Europae e promove o Atlas Linguístico de Hispanoamérica (ALHA), segundo informações, encontra-se, no momento, em fase de publicação.

Em Portugal, o Atlas Linguístico de Galiza, dirigido por PAIVA BOLEO, junto com HERCULANO DE CARVALHO e LINDLEY CINTRA, foi publicado em 1991, em 2 volumes.

Alguns atlas europeus foram iniciados, porém, nem todos foram publicados integralmente, a maioria ficou aquém da proposta inicial, publicando apenas parte do projeto. Trata-se do Atlas Linguístico Italiano, iniciado por M.BARTOLI e G.BERTONI, na década de 20; os Atlas linguísticos romenos de CANDREA e PUSCARIV, também projetados na mesma década. Pode-se referir ainda a proposta de TOMAS NAVARRO no sentido de elaborar o Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI), cujo único volume foi publicado em 1963.

Todo interesse pela Geografia Linguística, para o novo mundo, surgiu da Europa. Na América do Norte, no final da década de 30, projetou-se o Atlas dos Estados Unidos da América e Canadá, publicando-se em 1939 os volumes introdutório e primeiro, com 119 cartas.

Na América do Sul, o ATLAS LINGUISTICO E ETNOGRAFICO DA COLOMBIA (ALEC), publicado entre 1981-1983, sob a direção de LUIS FLOREZ, do Instituto Caro y Cuervo, consta de 6 volumes, 1 suplemento e 2 discos. O ATLAS LINGUISTICO DO MEXICO (ALM), organizado por JUAN LOPES BLANCH, conta com seu primeiro volume, publicado em 1992. Porém, o primeiro atlas de língua espanhola, é o de Porto Rico (1948 - 21966)\*, organizado por TOMAS NAVARRO, reúne

\* Os números 1 e 2 correspondem à ordem de publicação do 1º e 2º volumes do ALPR, respectivamente.

cartas do tipo analítico-sintético, além de isoglossas com indicação em margens de forma característica em ortografia normal.

Vale lembrar que a Colômbia e o México são os únicos países de língua espanhola que têm seus atlas integralmente publicados. Ainda no domínio de hispanoamérica, vários países elaboraram seus atlas, porém nem todos foram publicados na sua totalidade, como:

- \* o Pequeno atlas léxico-fonético (Sabana de Bogotá). (PALFSB), organizado por M. CRUZ DE ARTEGA et al.(1974)
- \* o Atlas lingüístico e Etnográfico do Peru (ALEF), organizado por L.M. RAMIREZ et al;
- \* o Atlas lingüístico-etnográfico do Sul do Chile (ALESUCH), sob a direção de G. ARAYA et al e cujo único volume foi publicado em 1973;
- \* o Atlas-etnográfico do norte do Chile (ALENOCH);
- \* o Atlas lingüístico antropológico da Argentina (ALARA);
- \* o Atlas lingüístico venezuelano, elaborado por M.NAVARRO CORREA; e finalmente,
- \* o Atlas lingüístico diatópico e diastrítico do Uruguai (ADDU), sob a organização de H.THUN e A.ELIZAICIN, está em fase de coleta de dados.

#### 1.2.2 ATLAS LINGUISTICOS DO BRASIL

A idéia da elaboração de um Atlas lingüístico do Brasil, sugerida por NASCENTES (1958) permanece até hoje. Embora alguns

estados já possam contar com seus atlas, verifica-se, no entanto, que a Geografia Linguística, no Brasil, vem se desenvolvendo de forma lenta.

Para NASCENTES, o ideal seria um projeto elaborado e executado através de uma coordenação central, baseado em uma única metodologia de forma que os resultados fossem homogêneos e comparáveis, porém vários fatores interferem, prejudicando, na maioria das vezes, o desenrolar da pesquisa. Dentre os quais, tem-se a indisponibilidade de pesquisadores especializados em cada estado, a extensão territorial de nosso país, a disparidade dos enfoques que os estudiosos de cada centro de pesquisas linguísticas têm a respeito da Geografia Linguística e da Dialectologia, enfim, a falta de interesses comuns na concretização de tão ousado projeto, contribuem de forma que a idéia de NASCENTES não se realize na sua forma original.

Várias obras e artigos já foram publicadas, lançando as bases mais relevantes do projeto, bem como conferências, cursos, encontros com pessoas da área, visando à concretização do trabalho. Durante mais de trinta anos a luta continua. A divulgação da idéia por parte de NASCENTES e seu companheiro SILVA NETO, de um atlas linguístico do Brasil, percorreu instituições de ensino superior, contou também com a ajuda de GLADSTONE CHAVES DE MELO e CELSO CUNHA, responsáveis pela difusão dessa iniciativa.

O resultado de todo o esforço, até agora, resume-se na publicação de cinco atlas estaduais: o da Bahia, o de Sergipe, o da Paraíba, o de Minas Gerais, o do Paraná, sobre os quais comentaremos mais adiante.

Paralelamente, outros trabalhos de grande importância nos estudos dialetológicos vêm se desenvolvendo, com relevância, nos últimos sessenta anos, de forma a contribuir para a história da linguagem regional no Brasil, dentre os quais se destacam: "os de AMARAL(1922), RAMOS(1926), TEIXEIRA(1938 e 1944), MARROQUIM(1945), MENDONÇA(1948), NASCENTES(1953), PENHA(1971-1972), RODRIGUES(1974), HOUISS(1985), VILEFORT(1985), FERREIRA et al(1988)"(15).

São trabalhos que se destinam a registrar os vários aspectos da linguagem regional de alguns estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Bahia, além de outros estados do Nordeste brasileiro, registrando, sob diversos enfoques, a evolução da língua.

Com relação aos atlas linguísticos publicados no Brasil, temos a considerar:

\* o Atlas prévio dos falares baianos (APFB), publicado em 1963, sob a coordenação do prof. NELSON ROSSI, tendo a colaboração de DINAH ISENSEE e CARLOTA FERREIRA. É uma obra pioneira e de grande utilidade para os estudos dialetais.

Trata-se de uma coletânea de quase duzentas cartas do tipo analítico e sintético-analítico, apresentando as variantes lexicais e fonéticas de cento e cinquenta pontos linguísticos do território baiano. Em 1965, foi publicado um volume complementar com a introdução, o questionário comentado e o elenco de respostas transcritas.

\* o esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG), organizado por uma equipe de professores da Universidade Fede-

ral de Juiz de Fora (UFJF), sob a direção de JOSE RIBEIRO, teve seu 1º volume publicado em 1977 contendo as cartas léxicas e fonéticas dos tipos sintético e sintético-analítico, sobre os campos semânticos tempo e folgedos infantis de rua. O questionário consta de 415 perguntas e foi aplicado em 116 localidades. O projeto inicial prevê a publicação de mais 3 volumes com as cartas léxicas e fonéticas sobre os campos semânticos: o homem, os animais, a água e a terra.

\* O Atlas linguístico da Paraíba (ALPB), publicado em 1978, sob a organização de MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO e CLEUSA MENEZES, da Universidade Federal da Paraíba, contém dois volumes. O primeiro reúne 149 cartas léxicas e fonéticas do tipo analítico-sintético sobre os campos semânticos: a terra, o homem, a família, a habitação e utensílios domésticos, as aves e os animais, a plantação e as atividades sociais. O questionário consta de uma parte geral com 289 questões e uma específica com 588 questões, aplicado em 25 municípios-base e mais 3 municípios satélites para cada base, com um total de 100 municípios, cobrindo todo o Estado.

\* O Atlas linguístico de Sergipe (ALSE), este trabalho representa uma extensão do APFB. Sendo praticamente organizado pela mesma equipe, o ALSE segue as mesmas estruturas do atlas baiano. A equipe do ALSE é composta por CARLOTA SILVEIRA, SUZANA CARDOSO, JACIRA MOTA, JUDITH FREITAS, NADJA DE ANDRADE e VERA LUCIA ROLLEMBERG, ex-alunas de ROSSI.

O ALSE reúne cento e oitenta e duas cartas, em sua maioria do tipo analítico e algumas do tipo sintético-analítico, com as variantes fonético-lexicais de cento e cinquenta e dois vocábulos-tema, registradas em trinta informantes, de quinze localidades sergipanas.

Este atlas representa um grande avanço com relação ao APFB dada a extensão do seu questionário, a ampliação da área investigada, além de apresentar as entrevistas gravadas integralmente em fitas-cassete, constituindo-se em uma documentação mais ampla do que a do atlas baiano, conforme Nota Preliminar do ALSE.

\* o Atlas linguístico do Paraná (ALPR), surge cronologicamente em 1990, sob a organização de VANDERCI DE ANDRADE AGUILERA, em forma de tese de doutoramento, contendo dois volumes: no primeiro contém os estudos preliminares como a metodologia, glossário do material relativo ao questionário, e no segundo as cartas geolinguísticas, num total de 191 cartas dos tipos: analítico, ou literal-analítico, sintético-analítico e analítico. O questionário segue o modelo do Questionário Linguístico do ALESP (CARUSO: 1983), com base em dois campos semânticos: Terra e Homem, envolvendo as esferas semânticas, no primeiro: a) natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo; b) flora, árvores, frutos etc; c) plantas medicinais; e no segundo: a) partes do corpo, funções, doenças etc; b) vestuário e calçados; c) agricultura, instrumentos agrícolas,

etc; d) brinquedos e jogos infantis; e) lendas e supersti-  
ções, num total de 317 questões, sendo aplicado em 65 loca-  
lidades paranaenses.

- \* o Atlas linguístico do Ceará (ALECE), organizado por profes-  
sores da Universidade Federal do Ceará (UFCE), tendo na coor-  
denação o prof. JOSE ROGERIO FONTENELE BESSA, já está con-  
cluído, porém não foi publicado, até o momento, ao que se sa-  
be. Em 1982, foi publicado apenas o questionário do Atlas lin-  
guístico do Estado do Ceará, contendo as notas sobre a loca-  
lidade e o informante.

Além desses, outros trabalhos dessa natureza estão sendo  
organizados, como:

- \* o Atlas linguístico do Estado de São Paulo (ALESP), iniciado  
pelo prof. Dr. PEDRO CARUSO, da UNESP, Assis-SP, em 1983, com  
a ajuda de uma equipe de pesquisadores, sob a orientação do  
prof. BRYAN HEAD, da UNICAMP, Campinas-SP.
- \* o Atlas linguístico e etnográfico da Região Sul (ALERS), ini-  
ciado na década de 80, cujo questionário reúne mais de oito-  
centas perguntas, é um projeto vultoso, sob a coordenação do  
prof. WALTER KOCH, da UFSC, além dos colaboradores Dr. OSVAL-  
DO FURLAN, da UFSC e do Prof. Dr. JOSE LUIS DA VEIGA MERCER, da  
UFPR.

\* o Atlas linguístico do Acre (ALAC), está sendo organizado por uma equipe de professores da Universidade Federal do Acre e de pesquisadores do Centro de estudos Dialetológicos do Acre (CEDAC).

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. ARAGÃO, Maria do S.S. de. Linguística aplicada aos falares regionais. A União: João Pessoa, 1983. p.19.
2. RECTOR, Mônica. Apud, ARAGÃO, Maria do S.S. de. Op.cit. p.19.
3. PRETI, Dino. Sociolinguística: os níveis da fala. 6 ed. Editora Nacional: São Paulo, 1987. p.36.
4. AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná. Vol.I Tese(Doutorado). UNESP: Assis-São Paulo, 1990. p.209.
5. ARAGÃO, Maria do S.S. de. Op.cit. p.61.
6. DUCROT, O. e TUDOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2 ed. Perspectiva: São Paulo, 1988. p.80
7. ARAGÃO, Maria do S.S. de. Op.cit. p.65.
8. DUBOIS, Jean. et. al. Dicionário de Linguística. Cultrix: São Paulo, 1978. p.83.
9. ROBINS, H.R. Linguística Geral. Globo: Porto Alegre, 1977. p.47.
10. DUBOIS, Jean. et. al. Op. cit. p.85

11. SILVA NETO, Serafim da. Guia para estudos dialetológicos. 2 ed. Amazônia: Belém, 1958. p. 37
12. IORDAN, Iorgu. Introdução à linguística românica. Tradução de Júlia Dias Ferreira. 2 ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1962. p.202.
13. SILVA NETO, Serafim da. Op. cit. p.38.
14. IORDAN, Iorgu. Op. cit. p. 200.
15. AGUILERA, Vanderici de Andrade. Op. cit. p. 10.

## 2. ESTRUTURA LEXICAL

### 2.1 A DIALETOLOGIA E SUAS RELAÇÕES COM A LEXICOLOGIA E A LEXICOGRAFIA.

Com base no que já foi dito no Capítulo I acerca da Dialetoologia, acrescentamos, a seguir, algumas considerações sobre o assunto, bem como suas relações com a Lexicografia.

A Dialetoologia é considerada um dos ramos da Linguística que se preocupa com o estudo dos dialetos, visando a um estudo mais detalhado das variações linguísticas de uma determinada língua.

Alguns autores têm demonstrado grande interesse nessa área de estudo, dentre os quais destacam-se CAMARA JR., que considera a Dialetoologia

"o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos".(1)

Em comunhão com essa idéia, RECTOR acrescenta que a Dialetoologia

"tem como finalidade estudar os dialetos, detectando formas específicas de uma zona linguística, sistematizando e interpretando os traços linguísticos".(2)

Para DUBOIS, a Dialetoologia é considerada "a disciplina que assumiu a tarefa de

descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe os limites".(3)

Citando MOUNIN, diz ARAGÃO que,

"a Dialetoologia é o domínio da Linguística concernente ao estudo dos dialetos. Diz-se do estudo de dialetos particulares mas, sobretudo, e mais a propósito, o estudo comparativo de um conjunto de dialetos cobrindo uma certa área linguística.(4)

Diante dos conceitos ora apresentados, percebe-se a visão unânime dos autores com relação ao objeto da Dialetoologia, bem como a sua preocupação com o estudo das variações linguísticas em seus mais diversificados aspectos. Graças ao desenvolvimento de suas técnicas de pesquisa, como a Geografia Linguística, além de suas relações com a Lexicologia, a Lexicografia, além da Sociolinguística e da Etnografia que têm contribuído consideravelmente para o progresso das pesquisas nessa área de estudo.

Com relação à Lexicologia, vejamos a seguir, a opinião de alguns autores, visando estabelecer um confronto entre Lexicologia e Lexicografia visto que a primeira, constitui o estudo do léxico como um sistema, ou seja, estuda as relações lexicais de uma língua, ao passo que a segunda preocupa-se com a ordenação dos termos em glossários.

BORBA acrescenta que a **Lexicologia** pode ser definida como "o estudo do léxico tomado como um sistema (conjunto de interrelações). E, portanto, o estudo das relações lexicais que pode ser feito em duas direções: 1) análise contrastiva das formas de conteúdo (análise composicional: semântica), 2) análise contrastiva das formas de expressão (morfologia e morfo-semântica)". (5)

Depreende-se desse conceito que a **Lexicologia** além de se preocupar com o estudo do léxico de uma dada língua, cuida também das relações lexicais baseando-se em dois aspectos - o da análise das formas de conteúdo e o da análise de expressão.

Para JOTA, a **Lexicologia** é:

"o estudo da palavra como entidade relacionada ao léxico". (6)

Ele observa que alguns autores a subdividem em morfologia e semântica.

Tratando do assunto, ULLMANN ressalta o papel da **Lexicologia**, uma vez que transforma a palavra em seu objeto de estudo. Para ele,

"a palavra desempenha um papel de tal modo decisivo na estrutura da língua que necessitamos de um ramo especial da Linguística para a examinar em todos os seus aspectos.

Chama-se a este ramo Lexicologia e constitui, a seguir, à fonologia, a segunda divisão básica da ciência linguística".(7)

O autor chama a atenção para o papel desempenhado pela Lexicologia no que diz respeito ao tratamento das palavras bem como das unidades significativas que as constituem. Consequentemente, a lexicologia envolve a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudo dos seus significados.

CARVALHO, citado por LUCENA, define a Lexicologia como "a mais formal das disciplinas da significação linguística, fundamenta-se na natureza da palavra como entidade não extensa, mas, em muitíssimas línguas, ainda analisável em entidades menores que regulam esta combinação".(8)

O autor reconhece, ainda, que a Lexicologia envolve os vocábulos de uma língua em quaisquer modalidades em que forem analisadas.

Diante disso, observa-se que os estudos lexicológicos têm início, muitas vezes, na palavra, considerada como unidade significativa composta por elementos foneticamente articulados e inseparáveis, podendo também se desdobrar em unidades maiores como sintagma ou frase, como forma de obter unidade de significação, visto que a palavra não funciona isoladamente, ela faz parte do contexto no qual está inserida.

CABRAL considera a Lexicologia como sendo "a parte da linguística que se preocupa com a descrição dos conjuntos de palavras em cada sistema linguístico".(9)

Observa-se que a autora reforça a idéia de que a palavra funciona como objeto de estudo da Lexicologia, possibilitando aos falantes a transmissão de cada ato de fala.

Reconhecendo a importância da Lexicologia bem como da lexicografia para a análise a que se propõe este trabalho, visto que ambas têm como preocupação o estudo do léxico, apresentaremos, a seguir, algumas considerações em torno da Lexicografia. Vale ressaltar que, enquanto a primeira abrange os termos de uma determinada língua, em todas as modalidades em que forem analisadas, quer se trate de uma região, quer se trate de um grupo determinado, a segunda preocupa-se com a elaboração de dicionários ou glossários da língua.

#### Segundo BORBA, a Lexicografia

"é a descrição do léxico(morfemas e lexemas e suas combinações) numa sequência de elementos isolados e ordenados(entradas) comportando alguma especificação sobre tais elementos: definições ou conceituações, sinônimos, analogia, frequência, correspondência entre duas ou mais línguas".(10)

Definida de forma muito sucinta por DUBOIS, a Lexicografia "é a técnica de confecção dos dicionários e a análise linguística dessa técnica".(11)

Diante desses conceitos, verifica-se que além, da descrição do léxico em dicionários, a Lexicografia preocupa-se, também, com a distribuição dos vocábulos correlatos de forma sequenciada.

CAMARA vê a Lexicografia como sendo "o estudo metódico-enumeração, cogação, significação-das palavras de uma língua, feito em dicionário".(12)

Alguns autores não fazem distinção entre Lexicologia e a Lexicografia, tais termos são, muitas vezes, usados indistintamente. Entretanto, ULLMANN nos chama a atenção para não confundir os dois ramos. Ele considera que a Lexicografia é o resultado de conhecimentos lexicológicos e, assim, a define:

"...a elaboração ou compilação de dicionários, que é uma técnica especial, mais que um ramo da linguística".(13)

Sendo a Lexicologia definida como "o estudo do léxico" e a Lexicografia a técnica de confeccionar dicionários, verifica-se que esses dois ramos da Linguística estão diretamente relacionados de modo que uma não se realizaria sem a outra.

## 2.2 LEXICO/VOCABULARIO

O uso dos termos léxico e vocabulário é um assunto bastante discutido por parte da linguística moderna, possibilitando, assim, as diversas formas de abordagens bem como as diferentes maneiras de tratamento.

Há autores que usam os termos ora como sinônimos, ora equivalentes a dicionário. Outros, porém, atribuem características distintas para cada um dos termos.

Visando a uma sistematização sobre o assunto, são necessários alguns esclarecimentos acerca da dicotomia léxico/vocabulário, tendo em vista sua pertinência para a análise a ser realizada.

Segundo DUBOIS, "os linguistas ficam, mais geralmente, com a distinção dos morfemas menores unidades portadoras de sentido, e dos lexemas que são as unidades léxicas de base.(14)"

A partir das reflexões saussureanas, surgiram outras contribuições, dando novos rumos aos estudos lexicológicos.

Alguns autores afirmam que o léxico não deve ser visto apenas como um conjunto de vocábulos de que dispõe a língua, mas também como o conjunto de vocábulos que falantes retêm na memória, o que possibilita a comunicação de seus pensamentos, idéias, desejos, dentre outros aspectos. Neste caso, a palavra é considerada o elemento móvel que torna viável os atos de fala. A esse elemento, alguns linguistas classificam de léxico.

Para CABRAL, léxico é:

"(...) o componente mais flutuante e mais sensível às mudanças culturais".(15)

Modernamente, o uso do termo léxico como sinônimo de vocabulário, ou ainda equivalente a dicionário, tem-se tornado muito comum. Porém, alguns autores consideram-nos aspectos distintivos da linguística.

DUBOIS, tratando do léxico, amostra as diferentes possibilidades, sob as quais este pode ser observado. Do ponto de vista da Linguística geral, léxico significa:

"(...)o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc."(16)

Assim, o léxico pode ser visto sob vários ângulos, dependendo da maneira como é avaliado.

Uma definição bastante completa de vocabulário é dada por MULLER, ao afirmar que:

"(...) vocabulário é necessariamente ligado a um texto escrito ou falado, curto ou longo, literário ou utilitário, homogêneo ou composto, nos limites de um idioma dado. E o conjunto dos vocábulos representados um número qualquer de vezes no texto considerado."(17)

Com este conceito, o autor apresenta as várias possibilidades de ocorrência do vocabulário. Trata-se de um número

delimitado de palavras que o falante dispõe no momento da comunicação oral.

Segundo FAVROD, citado por ARAGÃO, é impossível enumerar o léxico, uma vez que este varia de acordo com os falantes, que por sua vez a utilização de formas diversas dependendo do contexto no qual estão inseridas. Desse modo não se pode precisar o léxico de uma dada língua, uma vez que ele varia, não só de um indivíduo a outro, mas também de uma época a outra no mesmo indivíduo".(18)

Esse conceito nos chama a atenção, não só quanto à definição do léxico como também ao seu uso, ao mesmo tempo que nos remete à posição de GENOUVRIER E PEYTARD, que definem o léxico como "o conjunto das palavras que, em determinado momento, encontram-se à disposição do falante para um ato de fala. E o léxico individual. Por outro lado, há o léxico geral, que são as palavras que este falante ainda não encontrou no uso quotidiano de sua linguagem. Não se trata de dois léxicos, mas do potencial linguístico do falante (o geral) e da atualização desse potencial (o individual)".(19)

Opondo o léxico ao vocabulário, GARCIA mostra que o léxico é o catálogo das palavras de uma língua, ao passo que o vocabulário é o conjunto de idioma, funcionando, para ele, como sinônimo de dicionário. Acrescenta que, alguns autores da linguística moderna, opõem léxico a vocabulário, este situado no plano da fala, e aquele, no plano da língua.(20)

Para ARAGÃO et al.

"o léxico de uma língua não pode ser reduzido a um simples vocabulário, ou seja, a uma lista de palavras. Deve ser estudado de forma

autônoma, independente de qualquer contexto particular, isto é, através das formas cristalizadas da língua, tais como as palavras isoladas, conjunto de expressões marcadas pelo funcionalismo gramatical e mantidas pelo uso coletivo: locuções fixas, idiotismo, provérbios, etc."(21) .

A propósito do objetivo que se deseja alcançar, serão utilizados o conceito de léxico e de vocabulário como termos independente, embora reconhecendo que ambos constituem aspectos diferentes do estudo das unidades linguísticas. Assim, o léxico será definido como o conjunto de palavras que a língua coloca à disposição do falante, e o vocabulário, como o conjunto de palavras utilizadas pelo falante em determinado momento. Verifica-se, portanto, que o léxico está ligado a vários falantes, enquanto o vocabulário, liga-se a um falante ou mesmo a um texto. E este léxico que se pretende organizar em campos léxico-semânticos, visando a uma leitura de algumas das cartas léxicas do Atlas Linguístico da Paraíba. Para tanto, serão apresentados, a seguir, algumas considerações em torno da teoria dos campos semânticos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. CAMARA JR, J. Mattoso. Dicionário de linguística e gramática, 14ª ed. Vozes: Petrópolis, 1988. p.94.
2. RECTOR, Mônica. A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-socio-linguística. Vozes: Petrópolis, 1975. p.24.
3. DUBOIS, J. et al. Dicionário de linguística. Cultrix: São Paulo, 1978. p.185.
4. MOUNIN, G., apud. ARAGÃO, M.S.S. de. et al. Glossário aumentado e comentado de A Bagaceira. A União: João Pessoa, 1984. p.26.
5. BORBA, F. da Silva. Pegueno vocabulário de linguística moderna. Nacional: São Paulo, 1975. p.27.
6. JOTA, Hélio dos Santos. Dicionário de linguística. Presença: Rio de Janeiro, 1976. p.190.
7. ULLMANN, Stephen. Semântica - uma introdução à ciência do significado, 5ª ed. Fund. Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1964. p.62.
8. CARVALHO, H. de., apud. LUCENA, G. Soares. O léxico da pesca em Cabedelo. (Diss. de Mestrado) João Pessoa, 1983. p.41.

9. CABRAL, Leonor Seliar. Introdução a linguística. 7ª ed. Globo: Rio de Janeiro, 1988. p.151.
10. BORBA, F. da Silva. Op.cit. p.70
11. DUBOIS, Jean et al. Op.cit. p.364
12. CAMARA JR, J. Mattoso. Op.cit. p.157
13. ULLMANN, Stephen. Op.cit. p.64
14. DUBOIS, Jean et al. Op.cit. id. p.364
15. CABRAL, Leonor Seliar. Op. cit. p.153.
16. DUBOIS, Jean et al. ib. p.364.
17. MULLER, Charles. Iniciation à la statistique linguistique. Larousse: Paris, 1968. p.32.
18. FAVROD, C.H. apud. ARAGÃO, M.S.S. de et al. Op. cit. p.29.
19. GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. apud. ALMEIDA, M. de Fátima. O Místico-religioso em José Lins do Rego. João Pessoa. 1988. (Dissert. de Mestrado). p.21.

20. GARCIA, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna. Fund. Getúlio Vargas:Rio de Janeiro 1983. p.198-9.

21. ARAGÃO, M. do S.S. de. et. al. Op.cit. p.29.

### 3. CAMPOS SEMANTICOS

#### 3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A SEMANTICA

As investigações acerca da significação das palavras e do seu emprego exerceram uma grande influência sobre a semântica moderna, porém o impulso para a criação de uma ciência do significado deu-se com o surgimento do estruturalismo, sobretudo na Europa, na primeira metade do século XIX, tendo como causas decisivas, o nascimento da Filologia Comparada, em 1816, o da Linguística Científica-fins do século XIX e início do século XX- e, por fim, o interesse despertado pelo movimento romântico, em torno das palavras nas suas diferentes significações.

Em 1883, o linguística francês MICHEL BREAL usou, pela primeira vez, o termo semântica para designar o "estudo das significações". Posteriormente, duas obras marcaram a história da significação das palavras. Trata-se da publicação de La vie des mots étudiée dans leurs significations, de ARSENE DARMESTETER, em 1886, e do Essai de sémantique, de MICHEL BREAL, em 1897, onde ele explica, em nota de rodapé, a escolha do termo SEMANTICA-*semantikos téchne* - a ciência das significações, proveniente do verbo *sêmainen* "significar e este, por sua vez, é derivado de "sêmea" - sinal -, em oposição à Fonética, ciência dos sons da fala.(1)

Os objetivos da nova disciplina, considerada, até então, como um estudo puramente histórico apareceu de forma mais esclarecida através das palavras de BREAL citado por ULLMANN;

"Nesta segunda parte, propomo-nos a investigar

como as palavras, criadas e dotadas de certa significação, estendem essa significação ou a restringem, deslocam-na de um grupo de noções para outro, elevam seu valor ou a degradam, em resumo- sofrem modificações- E esta segunda parte que constitui a Semântica, isto é, ciência das significações".(2)

Pouco a pouco, estudos sobre as significações foram ocupando um lugar mais amplo nos trabalhos de Linguística Histórica e Descritiva. Mesmo assim, a semântica não possuía métodos científicos de trabalho. A partir da divulgação das idéias de Saussure, os estudos semânticos tomam novo rumo.

Dentre os princípios criados por Saussure, o das relações sintagmáticas e paradigmáticas, além da concepção da língua como uma estrutura e da substituição de uma abordagem diacrônica por uma sincrônica, contribuíram para que a Semântica Contemporânea passasse a se interessar pelo estudo de línguas particulares, bem como o da estrutura interna do léxico, abandonando a orientação puramente historicista, pois como afirma o próprio Saussure,

"a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica".(3)

No entanto, esse conceito implica uma ambiguidade teórica, uma vez que conduz a conclusões que considerariam o estudo da língua, ora reduzindo-a à palavra isoladamente abstraída da

realidade do falante, ora associando-a a outra palavra numa cadeia frástica. Para resolver esse impasse, a Lexicologia lançou mão do conceito de paradigma e transformou-o no conceito de campo semântico.

Ainda dentro da noção de paradigma, Saussure justifica o fato de que fora do discurso, as palavras que possuem algo em comum, poderão formar diversas associações na memória quantas forem as relações existentes entre elas, pondo em relevo o poder associativo do elemento linguístico. Ao mesmo tempo, compara:

"Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida".(4)

Através desse conceito, pode-se afirmar que o campo é uma porção dominadora do vocabulário cercada pela interdependência das unidades, delimitando, em cada uma delas, o conteúdo do mesmo conjunto. Desse modo, cada campo tem seu conteúdo que se subdivide através de oposições entre os termos que lhe pertencem.

Saussure reativa o interesse pelos estudos da semântica ao conceber o signo linguístico como uma unidade de significado e significante, definindo-o como a união de uma coisa dupla, constituída da união de dois termos que une não um objeto a um nome, mas um "conceito a uma "imagem acústica". Desse modo, o signo pode ser definido como a combinação de um conceito e uma imagem acústica que passa a designar de significante e significado. Para Saussure, todo o mecanismo da língua repousa sobre relações. Distingue,

portanto, as relações intra-significas (sintagmáticas) das intersignificas (paradigmáticas). Tais relações são os eixos de equilíbrio sobre os quais se estabelece a língua na visão de Saussure.

Segundo GREIMAS, significantes são os elementos ou grupos de elementos que tornam possível o aparecimento da significação ao nível da percepção. Significado é a "significação ou significações que são abrangidas pelo significante". (5). De modo que um não existe sem o outro, são inseparáveis. A essa união, Saussure denomina conjunto significante.

Por outro lado, HJELMSLEV também confere sua importante contribuição para os estudos acerca da significação das palavras, oferecendo assim novas possibilidades de abordagem para tais estudos. Distingue dois níveis no signo-forma e substância- que se combinam, cada um com dois planos, quais sejam, o plano da expressão e o plano do conteúdo, que podem ser assim representados (6).

expressão(1)	Para ele, este é o signo
forma	propriamente dito, que
conteúdo(2)	não tem referente.
expressão(3)	E o signo clássico: uma coisa
substância	que vale outra coisa, tem
conteúdo(4)	referente.

Assim define:

(1) É o campo da fonologia e da perspectiva representação gráfica.

Ex: casa { K/+a/+z/+a/ }

(2) é o campo da morfo-sintaxe, é o recorte que a língua faz sobre os dados da experiência.

Ex: casa = substantivo, feminino, singular, usado em "n" funções sintáticas.

(3) é o campo da fonética.

Ex: casa [K]

[a]

[Z]

(4) é o campo da semântica, ou melhor, dos dados não analisados.

Ex: casa = lugar para se viver; edifício de habitação etc.

Assim, de acordo com os objetivos de um trabalho que visa a uma análise acerca da significação das palavras, este modelo proposto por HJELMSLEV possibilitará vários enfoques para o desenvolvimento da pesquisa.

Conforme o posicionamento de LIMA, as palavras são determinadas pela presença do vocabulário da língua de outros termos cujas funções semânticas estejam relacionadas à mesma área de ambiente situacional ou cultural. Ainda no dizer da autora, o campo semântico de um termo qualquer se forma através de uma rede de associações centradas em torno deste termo(7).

### 3.2 NOÇÃO DE CAMPO SEMÂNTICO

O Atlas Linguístico da Paraíba está dividido em campos semânticos que reúnem, em seus mais variados aspectos, as particularidades do falar paraibano.

Visando a uma melhor sistematização para a análise que faremos no capítulo seguinte, apontaremos, a seguir, algumas considerações sobre a noção de "campo semântico".

A preocupação com o estudo da significação das palavras remonta à filosofia clássica e, por algum tempo, ficou reservada à Lexicologia a tarefa de preocupar-se com tal problema, tendo em vista a ausência de um ramo específico da linguagem que dele se ocupasse.

A noção de campo semântico surgiu a partir das idéias do filósofo HERDER(1770) que foram desenvolvidas posteriormente, por WILHELM von HUMBOLDT, daí a denominação neo-humboldtiana aplicada à teoria dos campos, graças à organicidade e articulação da língua. Tais idéias serviram de base não só para TRIER, mas também para LEO WEISBERGER.

GERKELER, afirma que as idéias de HUMBOLDT representam o elo entre TRIER e WEISBERGER, constituindo, assim, o fundamento do campo trieriano.

"La articulación es la característica esencial más general y más profunda de toda lengua".(8)

A partir daí, novos estudos foram surgindo e, com a sucessão progressiva nessa área, a semântica assume seu lugar dentro da Linguística, com o objetivo de depreender, explicar e classificar as mudanças de significação que sofrem as palavras no decurso do tempo.

Em 1924, IPSEN introduziu o termo "campos semânticos" para designar esse tipo de estudo. Posteriormente, em 1931, TRIER elabora um trabalho sobre termos do "conhecimento", no alemão, considerado pioneiro no gênero, visando introduzir na Semântica os princípios de Saussure. Baseando-se na noção de paradigma existente na língua, procura mostrar, que os nossos conceitos cobrem todo o campo do real, sem deixar lacunas e, à medida que um desses conceitos se altera, todos os outros se alteram também.

Diante desse posicionamento, reconhecemos a necessidade de relacionar o campo semântico e a realidade, uma vez que o autor não considera a visão de mundo do falante, pois as palavras usadas não refletem fielmente a realidade, mas o recorte que o falante faz de sua experiência vivida. Assim, a língua deve adequar-se às necessidades e meios de seus falantes, em qualquer tempo, e por conseguinte, os vocábulos variam de lugar e de tempo para tempo em diferentes campos semânticos, como veremos no capítulo seguinte através da análise semântica das cartas léxicas do Atlas Linguístico da Paraíba.

Tratando do assunto, o linguísta francês MATORE acrescenta uma nova visão aos estudos referentes aos "campos semânticos", uma vez que ressalta os critérios sociais. Segundo ele, a presença de palavras novas no seio de uma comunidade linguística caracteriza as

inovações surgidas nos diferentes estados de língua. Tais vocábulos, intitulados "palavras-testemunha", ocupam um papel de destaque por proporcionarem o surgimento de outras - as palavras-chave - que, por sua vez, marcam a existência de um campo nocional, que retrata a sociedade da época.(9)

De acordo com ULLMANN, as palavras não devem ser estudadas isoladamente, mas em conjunto, formando campos nocionais, ressaltando a linguagem do pensamento de cada indivíduo:

"Um campo semântico não reflete apenas as idéias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada de experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada que todo o campo tenha que ser refeito."(10)

Verifica-se que o campo semântico confere uma visão de mundo a cada geração que surge no seio de uma comunidade linguística, por retratar a sociedade na qual se insere, ao mesmo tempo que possibilita novos estudos na área da sociolinguística.

Desse modo, não se pode negar a idéia de HUMBOLDT, citada por SCHAFF, de que "a linguagem determina o conhecimento humano, por haver em cada língua uma visão particular do mundo".(11)

A idéia de MATORE, citada por ULLMANN, demonstra que para conhecermos uma determinada sociedade, é necessário termos o domínio

"C'est un partant de l'étude du vocabulaire que nous essaierons d'expliquer une société. Aussi pourrons-nous définir la lexicologie come une discipline sociologique utilisant le materiel linguistique que sont les mots".(12)

O posicionamento de MATORE nos conduz a uma necessária reflexão sobre a relação língua-sociedade no que diz respeito ao comportamento linguísticos dos membros dessa sociedade que tem influência fundamental no falante, pois através dela, o falante é conduzido às diversas modalidades linguísticas que são justificadas em sua existência. Porém, não se trata de um modelo a ser imitado pelos outros falantes da mesma comunidade linguística, mas um exemplo de um falante que utiliza a mesma linguagem, um instrumento da realidade que o cerca.

### 3.3 TEORIA DOS CAMPOS

A teoria do campo linguístico, ou teoria do campo do significado, como é denominada por alguns linguistas, preocupa-se em mostrar que o conteúdo lexical de uma língua, seu vocabulário completo, ou aquilo que está sempre à disposição do falante, não é apenas uma aglomeração de itens. Em parte, o significado bem como o uso da maioria das palavras são explicados pela presença na língua

de outras palavras cujas funções semânticas estejam relacionadas com a realidade do falante, pois o campo semântico de um termo se forma através das associações que convergem para este termo. Assim, "as partes do corpo constituem um campo semântico", tal como observa JOTA.(13)

Sabendo-se que o comportamento linguístico de um falante é, em parte, o resultado tanto da sua cultura como do sistema lexical de sua língua, é fácil observar como cada palavra carrega um significado e tem uma função no contexto uma vez que está relacionada a uma parte do mundo do falante. Em vista disso, o sentido de cada uma dessas palavras pode ser mais tarde alterado tanto pelo surgimento de outras no vocabulário disponível do falante, como pelas mudanças no significado das palavras associadas.

LYONS usou os nomes das cores como exemplo de campos semânticos. Para ele, "faz parte do sentido de cada um desses termos o fato de pertencerem a esse sistema léxico particular e as relações de contiguidade que entre esses elementos se estabelece no sistema."(14)

As investigações em torno da noção de campo lexical remontam ao século passado, através de trabalhos que servem de orientação para a semântica estrutural.

Em 1856, K.W.L. HEYSE dá início às pesquisas nessa área com a publicação de um trabalho sobre a análise do campo lexical do vocabulário alemão "SHALL"(som). Em 1924, como foi dito anteriormente, G.IPSEN apresenta o termo "campo semântico". E a primeira idéia formulada sobre "campo". Seguidamente, em 1931, JOST TRIER permite que se tenha uma definição de campos, baseada em

descobertas anteriores, dentre as quais, a idéia de sistema de Saussure e a articulação de Humboldt, contribuindo para os estudos da semântica.

Conforme observa ULLMANN, a teoria do campo foi descrita como "neo-humboldtiana", baseada na doutrina linguística de WILHELM HUMBOLDT que, segundo ele, cada língua distinta, devia ser considerada como um todo orgânico, diferente de todas as restantes e exprimindo a individualidade do povo que a fala.(15)

As idéias de TRIER, embora tenham sido muito criticadas por outros estudiosos, têm o merito de formular que foi aplicada aos estudos do campo lexical. E é com bases no princípio da articulação humboldtiana que TRIER lança seu conceito de campo, como observa ALMEIDA:

"campos son las realidades lingüísticas vivas, situadas entre as palabras individuales y el conjunto del vocabulario, que en cuanto totalidades parciales tienen, como característica común con la palabra el articularse y, con el vocabulario, el organizarse."(16)

Sendo um assunto que desperta o interesse de vários estudiosos, os campos recebem denominações diversificadas. Ora aparece como "campo semântico", conforme Ipsen, Jolles e Porsig, ora "campo associativo", segundo Charles Bally. Pierre Guiraud propõe os "campos morfossemânticos", enquanto Matoré prefere os "campos

nacionais". Por outro lado Trier estabelece diferença entre "campo lexical" e "campo nocional".

Diante dessa variação terminológica em torno dos campos, sentimos a necessidade de escolher uma denominação que atenda aos objetivos deste trabalho. Por isso, consideramos que o termo "campo semântico" envolve toda a noção contida nas outras denominações, uma vez que se refere a um conjunto de palavras que pertencem a uma mesma área de significação, conforme distribuição dos campos no Atlas Linguístico da Paraíba, ao mesmo tempo que possuem traços distintivos, permitindo que as oposições se estabeleçam entre eles.

Portanto, tendo em vista o objetivo da nossa tarefa, adotaremos, a partir de agora, a denominação de "campo semântico", considerando que, cobre toda a noção contida nas outras denominações. O campo semântico, aqui, refere-se ao conjunto de palavras (ou lexias) que reúnem semas comuns, ligados por uma mesma área de significação e, por conseguinte, possuem um ou mais semas diferentes, permitindo que as oposições se estabeleçam.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. SCHAFF, Adam. Introdução à semântica. Civilização Brasileira:Rio de Janeiro, 1968. p.10.

UFPB / Biblioteca Central

2. BREAL, M. apud, ULLMANN, Stephen. Semântica-uma introdução à ciência do significado. 5ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1964. p.10.
3. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Cultrix: São Paulo, 1971. p.102.
4. SAUSSURE, Ferdinand de. Op.cit. p.102.
5. GREIMAS, A.J. Semantica estrutural: investigação metodológica. Gredos: Madri, 1971. p.14-15.
6. HJELMSLEV, apud. RECTOR, Monica. Para ler Greimas. Francisco Alves Rio de Janeiro, 1978. p.41-42.
7. LIMA, Geralda de Oliveira Santos. Aspectos linguísticos do léxico do ceramista em Sergipe. João Pessoa, 1978. Dissertação (Mestrado) UFPB/CCHLA. p.22.
8. GECKELER, Horst. Semântica Estructural y teoria del campo léxico. 2ª ed. Gredos: Madri, 1976. p.118.
9. MATORE, apud. ULLMANN, Stephen. Op.cit. p.527.
10. ULLMANN, Stephen. Op.cit. p.523.
11. SCHAFF, Adam. Op. cit. p.34.

12. MATORE. apud. ULLMANN, Stephen. Op.cit. p.526.
13. JOTA, Hélio dos Santos. Dicionário de linguística. Presença: Rio de Janeiro,1976. p.58.
14. LYONS, John. Introdução à linguística teórica. Trad. Rosa V. Mattos e Silva e H. Pimentel. Nacional/EDUSP: São Paulo,1979. p.455.
15. ULLMANN, Stephen. Op.cit. p.508.
16. ALMEIDA, Maria de F. Op,cit p.27.

#### 4. ANÁLISE SEMÂNTICA DAS CARTAS LEXICAS DO ALPB.

(base, demonstração e conotação)

O Atlas Linguístico da Paraiba foi publicado em 1984 pela UFPB e representa o 3<sup>o</sup> atlas estadual no Brasil, organizado pelas professoras Maria do Socorro S. de Aragão e Cleusa Palmeira B. de Menezes. Composto de dois volumes compreendendo o primeiro, as cartas léxicas e fonéticas relativas ao questionário geral, e o segundo a metodologia, a análise fonético-fonológica, análise morfossintática, além do glossário do material relativo ao questionário geral.

Para a realização da pesquisa e elabora o do atlas, no tocante às localidades, foram escolhidos 25 municípios como base e mais 3 satélites para cada base, totalizando 100 municípios, que constituem 12 microrregiões, a saber: Litoral, Piemonte da Borborema, Agropastoril do Baixo Paraiba, Brejo Paraibano, Curimata , Agreste Paraibano, Seridó Paraibano, Cariris Velhos, Catolé do Rocha, Depressão do Alto Firanhas, Serra do Teixeira e Cajazeiras.

O ALPB apresenta, de maneira sistemática, as particularidades do falar paraibano, focalizando diversos aspectos das variações linguísticas ocorridas nas microrregiões do Estado. Trata-se de uma experiência que contou com a ajuda de vários informantes para a realização da pesquisa de campo, possibilitando aos pesquisadores um contato direto com as marcas características do falar paraibano, através de entrevistas e conversas informais.

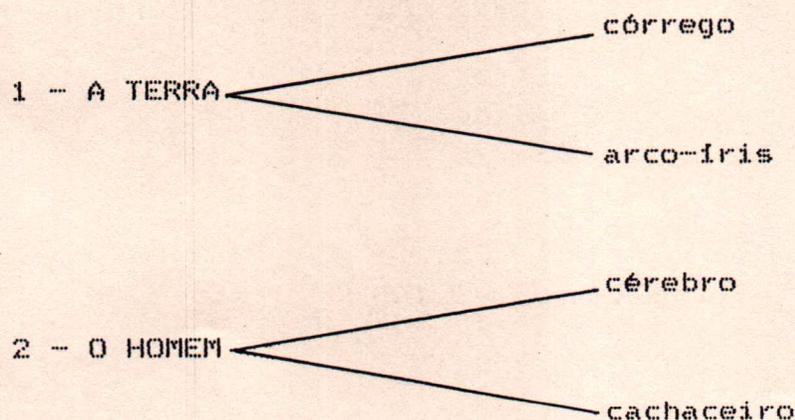
Como acontece em todo trabalho dessa natureza, deu-se preferência aos informantes analfabetos e/ou semi-analfabetos, por apresentarem maior espontaneidade no falar, ressaltando, assim, as características de pronúncia regional popular.

A análise que apresentaremos a seguir, representa apenas uma leitura para aqueles que desejam conhecer mais de perto o manancial linguístico representado pelas cartas léxicas do Atlas Linguístico da Paraíba.

Apenas algumas cartas foram selecionadas para a análise, tendo em vista que o estudo do total seria um tanto exaustivo para o âmbito deste trabalho, de modo que os procedimentos utilizados para analisar as que foram escolhidas, servirão de modelo para as demais, portanto, optamos pela seleção das seguintes cartas com seus respectivos campos semânticos:

- CAMPOS SEMANTICOS

CARTAS LEXICAS..



3 - HABITAÇÃO E UTENSÍLIOS      urupema  
 DOMÉSTICOS                              quartinha

CARTA - CORREGO (anexo 1)

- etimologia

CORREGO - No lat. hispânico CORRUGU "canal derivado de um rio, para lavar areias auríferas".(1)

A carta de nº 01 em que aparecem os resultados linguísticos obtidos para designar CORREGO ocorre nas 25 localidades pesquisadas no Estado da Paraíba, onde se fizeram inquéritos para o Atlas. O termo se inclui no questionário elaborado para o Atlas Linguístico da Paraíba como designação de pequeno rio.

Ao lado de corrego, encontram-se as seguintes designações como variantes de realização:

DESIGNAÇÕES	Nº DE LOCALIDADES ONDE OCORREM
- riacho	24 localidades
- córrego	07 localidades

(1) cf. NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico resumido.

- correnteza

04 localidades

e em apenas uma localidade, temos:

- corrente

- baixio

- correntezinha

- valeta

- olheirinho

- fonte

- fontezinha

- vertente

A distribuição espacial das designações mais frequentes (riacho, córrego, correnteza) executando a forma generalizada córrego, representa uma visão de conjunto das áreas do Estado onde foram encontradas essas três designações.

As variantes linguísticas de córrego encontradas somente em uma localidade, não serão analisadas aqui, apenas vamos deter-nos nas que apresentam maior frequência de ocorrência, visto que se distribuem de forma homogênea em todas as microrregiões, fazendo parte do linguajar paraibano. Os termos "riacho", "córrego" e "correnteza" significam a resposta dada pela maioria dos informantes, em diversas regiões do Estado para designar um "pequeno rio", enriquecida por outras variantes léxicas e fonéticas, tendo em vista o nível sócio-cultural dos informantes, o que pode ser observado através da transcrição

fonética do termo-base, por exemplo, em que figuram as seguintes realizações:

- CORREGO. (anexo 2)

[ 'Kɔrgu]

[ 'Kohgu]

[ 'Kɔjgu]

[ 'Kohɛgu]

[ 'Kɔligu]

Tais realizações retratam a realidade de uma linguagem espontânea, despida de artifício, própria das pessoas sem instrução. Os exemplos acima mostram que houve uma variação do fonema /r/ nas realizações do signo "córrego".

Vale salientar que o estudo das variações linguísticas a nível da articulação de segmentos fonéticos pode contribuir, sobremaneira, para um trabalho dessa natureza, porém, esse tipo de análise não se inclui nos objetivos inicialmente propostos. A transcrição fonética, aqui, será usada apenas para mostrar as diversas formas de pronúncia para designar uma mesma palavra, de acordo com o nível sócio-cultural dos falantes.

O termo riacho ocorre de Leste a Oeste do Estado, ao passo que córrego, o termo-base, se estende do Litoral e só

alcança a região da Depressão do Alto Piranhas.

Correnteza ocorre bem delimitadamente na região Sudeste do Estado, indo aparecer isolado na região da Serra do Teixeira.

E interessante observar que, embora tenha ocorrido em mais de uma localidade, conforme já foi dito anteriormente, no ALPB o termo não aparece em ordem de ocorrência, visto que o critério de distribuição dos termos não foi um dos objetivos do Atlas.

CARTA - ARCO-IRIS (anexo 3)

etimologia:

Arco-iris - De arco (do lat. arcu) e Iris, a mensageira da deusa Juno na mitologia greco romana. Iris vinha do céu caminhando por este arco. Iris - do gr. iris, pelo lat. iris, por via erudita. Significa "o arco-iris", daí uma planta que tem flores de várias cores e a parte do globo ocular a qual varia de cor conforme os indivíduos."(2)

DESIGNAÇÕES

Nº DE LOCALIDADES ONDE OCORREM

- arco-iris

(17 localidades)

(2) cf. NASCENTES, Antenor. op. cit.

- arco celeste	(24 localidades)
- olho de boi	(08 localidades)
- as barras	(04 localidades)
- as torres	(02 localidades)

e em apenas uma localidade:

- sub dourada
- os vieiras
- arco
- cu de boi
- os véus.

Transcrição fonética dos termos de maior frequência de traços fonéticos distintos.

Arco-Íris ( anexo 4)

[ 'ahku' iʃis]	[ 'awku' liʃu]
[ 'ahku' iʃi]	[ 'ajku' iʃis]
[ 'ahku]	[ 'aku' iʃis]
[ 'aku' iʃi]	[ 'ahku' i]
[ 'awku' iʃi]	[ 'ajku' iʃi]
[ 'liʃu]	
[ 'ahku' liʃu]	

(2) cf. NASCENTES, Antenor, Op. cit.

Arco celeste. (anexo 5)

[ 'ahku sɛ'leʒti ]

[ 'ajku sɛ'leʒti ]

[ 'awku sɛ'leʒti ]

[ 'aku sɛ'leʒti ]

[ 'ahku sɛ'le ]

Olho de boi. (anexo 6)

[ 'ojdi'boj ]

[ 'oju di'boj ]

[ 'oʎu di'boj ]

Considerando, de antemão, que a pesquisa de campo para a elaboração do ALPB desenvolveu-se, ora na zona urbana, ora na zona rural, é necessário considerar a origem dos informantes como um dos fatores da diversidade linguística, uma vez que a área urbana relaciona-se com uma população mais instruída, com um

nível educacional mais elevado. Por outro lado, a área rural está diretamente relacionada com pessoas menos favorecidas cujo nível vai do analfabeto ao 1º grau, o que indica praticamente a classe social dos falantes.

ARCO-IRIS representa a carta léxica de nº 030 do ALPB, ocorre em 17 localidades, envolvendo 09 microrregiões do Estado, para designar "as barras coloridas que aparecem no céu, depois ou antes de uma chuva forte". Porém, há uma preferência maior pelo uso da variante "arco celeste" que ocorre em 24 localidades, cobrindo 11 microrregiões, com exceção da do Agropastoril do Baixo Paraíba, que deu preferência ao uso das variantes "arco iris", "olho de boi" e "arco".

O uso da variante "cu de boi" pode evidenciar a relação existente entre uma classe de maior prestígio sócio-econômico e uma linguagem culta; bem como uma classe, ou toda uma população de baixa condição econômica e uma linguagem popular, com gradações que podem chegar a uma linguagem vulgar, como se observa através dessa carta.

Considerando os aspectos denotativo e conotativo que a carta "arco iris" suscita, poderíamos dizer que as designações "arco-iris"; "arco celeste" e "arco", revelam uma linguagem denotativa, desprovida de "ornatus", ao passo que "sub-dourada", "as torres", "os véus", pertencem a uma linguagem conotativa. Isso acontece com frequência na linguagem regional popular em que as pessoas utilizam palavras e/ou expressões de cunho poético, de forma espontânea e até mesmo inconsciente para se comunicarem.

CAMPO SEMANTICO - O HOMEMCARTA: CACHACEIRO. (anexo 7)

A forma cachaceiro é usada para designar "pessoa que bebe muito" e representa a carta de nº 087 no ALPB.

As várias designações para a forma cachaceiro se distribuem da seguinte forma:

DESIGNAÇÕES	Nº DE LOCALIDADES ONDE OCORREM:
cachaceiro	(21 localidades)
bêbado	(19 localidades)
bebão	( 7 localidades)
embriagado	( 7 localidades)
bebarrão	( 6 localidades)
pingunço	( 5 localidades)
caneiro	( 3 localidades)
melado (viver)	( 3 localidades)
viciado	( 2 localidades)

e apenas em uma localidade, figuram:

encachaçado  
alto do chão (viver)  
puxando fogo (viver)  
alambique.

Transcrição fonética dos termos que apresentam maior frequência de traços fonéticos distintos.

Bêbado. (cf. anexo 8)

[ 'bebadu ]

[ 'bebu ]

[ 'bebedu ]

Percebemos que as realizações para o termo-base, geralmente encontrado em todo o Estado, cachaceiro, se realiza em 21 localidades, abrangendo as doze microrregiões do Estado.

A base lexical + o sufixo derivativo agentivo eiro é muito frequente no português.

Vale salientar que o material léxico-semântico apresentado pela carta exige um conhecimento minucioso sobre o que se pretende analisar para que se possa esclarecer suposições que uma primeira aproximação dos dados sugere.

A quantidade de informações linguísticas que uma carta do ALPB pode reunir é quase insuspeitável a quem se detenha, não para uma análise minuciosa, nem aprofundada, mas para uma convivência mais demorada com a obra.

A propósito da origem do termo "cachaceiro", NASCENTES<sup>(3)</sup> apresenta a seguinte informação: deriv. de "cachaça" (em Portugal significou "vinho de barras". Por comparação, o nome se aplicou no Brasil à aguardente feita com barras de melão, o

que afasta qualquer étimo africano. O vocábulo português não pode ser o feminino de cachaço, pois cachaço, no sentido de "porco de cachaço", isto é, porco de pescoço gordo e grosso é um brasileirismo e não podia existir na época do cancionero da Vaticana, onde a palavra aparece, mas com sentido não inteiramente apurado. Os partidários de origem africana não apresentam nem étimo nem língua), e sufixo eiro. Além da significação de "indivíduo que se embriaga habitualmente com cachaça", tem o de uma planta, mas para esta falta a reação".(3)

O índice de ocorrência de termos usados para designar "aquele que bebe cachaça" revela o caráter sistemático de sua utilização. As formas menos representadas também se distribuem de forma ordenada por todo o Estado.

É interessante observar que a região de Campina Grande (ponto 7), caracteriza-se pela alta frequência das variações. Convém assinalar que essa diversificação de uso para uma mesma palavra, deve-se ao fato de a localidade receber influência de pessoas egressas de várias regiões, que se deslocam para os grandes centros na busca de melhores condições de vida, levando consigo ma série de fatores sociais entre os quais a diversidade linguística. Tais variações são: "cachaceiro", "bêbado", "embriagado", "viciado", "alto do chão (viver)" e "caneiro".

CARTA: CEREBRO (anexo 9)

(3) cf. NASCENTES, Antenor. Op. cit.

etimologia - Do lat. cerebru, por via erudista. O vulgar é miolo. (4)

A carta léxica de nº 044, obtida a partir dos resultados linguísticos para designar "o membro superior do corpo humano", está representada pelo termo "cérebro" e reúne as seguintes variantes:

DESIGNAÇÕES	Nº DE LOCALIDADES ONDE OCORREM:
- miolos	( 13 localidades)
- os miolos	( 14 localidades)
- juízo	( 22 localidades)
- cérebro	( 11 localidades)
- crânio	( 03 localiades )

as ocorrências do termo que figuram em apenas uma localidade são:

- mica
- casco
- coco
- micróbio da cabeça

Transcrição fonética dos termos de maior frequência de traços fonéticos distintos:

Cérebro (cf. anexo 10)

[ʔɛɾɛbrʌ]

[uʔɛbrʌ]

[ʔɛbrɪ]

[uʔɛbrʌ]

[ʔɛbrʌ]

[ʔɛɛɛbrʌ]

[ʔɛbu]

[ʔɛwbu]

Os miolos (cf. anexo 11)

[ʔuh mi'olu]

[úʒ mi'olu]

[mi'olus]

[ʔujʒ mi'olu]

[ʔuz mi'olu]

[ʔujʒ mi'olu]

[ʔus mi'olu]

[ʔus mi'olu]

Em função dos termos de base designados por "cabeça" e "cérebro", podemos estabelecer as seguintes relações para um melhor entendimento do seu uso, bem como o de suas variantes.

	crânio
cabeça	coco
	casco
	miolo
cérebro	os miolos
	mica
	micróbio de cabeça

Tais relações mostram que "cabeça" relaciona-se por meio de uma associação, com os termos "crânio", "coco" e "casco" que funcionam como: a parte externa que reveste "o couro cabeludo". Ao passo que "cérebro" (massa encefálica) relaciona-se com as outras variantes que exprimem a noção de núcleo, a parte essencial, fundamental, aquilo que germina, que brota. Daí, ser comum, na linguagem popular o uso do termo "cérebro", no sentido de "inteligência".

Diante disso verificamos que o falar paraibano reveste-se de associações que ligam um termo a outro, ora pela sua função, ora pela forma do objeto, como por exemplo, o termo "coco", relaciona-se, ora com "cabeça", pelo seu formato, ora com "cérebro" por significar algo que se localiza na parte superior. Pois, assim como "cérebro" situa-se na parte superior da cabeça, o "coco" situa-se na parte superior da planta.

A distribuição das designações mais frequentes ("miolo", "os miolos", "juízo" e "cérebro") estão espalhadas por todo o Estado da seguinte forma:

MIOLO e OS MIOLOS - são considerados formas vulgares, por alguns autores. Tais designações ocorrem delimitadamente em quase todas as microrregiões do Estado.

MIOLO - ocorre no litoral (pontos 1 e 2), estende-se à zona do Piemonte da Borborema (pontos 3 e 4), alcança o Agreste da Borborema (ponto 7) e atinge o extremo sul do Estado (pontos 8, 11, 12, 15 e 16); na direção oeste, chega à região de Cajazeiras (pontos 24 e 25); em direção ao norte do Estado, ocorre na região de Catolé do Rocha (ponto 19).

JUIZO - é o termo que apresenta maior frequência de ocorrência, cobrindo as 12 microrregiões. Apenas nos pontos 1, 11 e 25, não foi registrado, dando-se preferência aos termos "miolo", "os miolos", "cérebro", além de outros.

CEREBRO - é mais frequente do litoral norte para a região sul-sudeste, estendendo-se, de forma esporádica às outras microrregiões, notando-se uma ocorrência isolada na Depressão do Alto Piranhas (ponto 17) e outra em Cajazeiras (ponto 24).

CARTA: URUPEMA (anexo 12)

etimologia - do tupi uru'pema "uru chato" (5)

(5) cf. NASCENTES, Antenor. op. cit.

URUPEMA representa a carta léxica de nº 108 do ALPB e a primeira do campo semântico "habitação e utensílios domésticos". Ocorre nas 25 microrregiões do Estado.

Ao lado de urupema, encontram-se outras designações como variantes do termo:

DESIGNAÇÕES	Nº DE LOCALIDADES ONDE OCORREM:
- passadeira	( 01 localidade)
- escoredeira	( 01 localidade)
- peneira de palha	( 03 localidades)
- quibano	( 01 localidade)

Diante do exposto, depreende-se que tais variações não ocorrem com muita frequência, dando-se preferência ao termo-base "urupema". Ao lado deste, verifica-se apenas três ocorrências para o termo que aparece em segundo lugar na ordem de ocorrência, seguido de "passadeira", "escoredeira" e "quibano", que aparecem apenas em uma localidade.

URUPEMA, como mostra a etimologia, representa uma das poucas cartas do Atlas que tem sua origem no tupi, visto que a maioria das palavras, em português, são herdadas do latim.

O termo apresenta também maior ocorrência de traços fonéticos distintos com relação às outras variantes, como podemos observar através da seguinte transcrição fonética, registrada no ALPB (cf. anexo 13).

## Urupema:

[ʃu'pêma]	[ɔʃu'pêba]
[uʃu'pêma]	[ʃu'pêba]
[aʃu'pêma]	[u'pêba]
[uʃu'pêba]	

O termo URUPEMA ocorre em todas as localidades, que constituem as 12 microrregiões do Estado. Seguidamente, aparece PENEIRA DE PALHA em 03 localidades espalhadas nas microrregiões Piemonte da Borborema (ponto 4), Cariris Velhos (ponto 14) e Cajazeiras (ponto 25). As outras variantes aparecem de forma isolada, em apenas uma localidade: PASSADEIRA ocorre no litoral norte do Estado (ponto 2). ESCORREDEIRA, na zona do Piemonte da Borborema (ponto 3) e, finalmente, QUIBANO que aparece isoladamente em uma localidade da Depressão do Alto Piranhas. (ponto 22)

## CARTA: QUARTINHA (anexo 14)

etimologia: "Dim. de quarta (substantivo). Fem. de quarto. A medida é quarta parte do alqueire. A bilha é a capacidade de uma quarta.(6)

As realizações linguísticas obtidas para designar "objeto de barro para guardar em casa, a água que serve para beber", estão representadas pelo termo "quartinha", na carta léxica de 112 do ALPE, reunindo as seguintes variações:

(6) cf. NASCENTES, Antenor. Op. cit.

DESIGNAÇÕES	NÚMERO DE LOCALIDADES ONDE OCORREM.
quarta	(15 localidades)
quartinha	(21 localidades)
botija	(04 localidades)
moringa	(03 localidades)
cabaca de barro	(02 localidades)

e em apenas uma localidade:

bila

friadeira

Observa-se que os termos que apresentam alta frequência de ocorrência, "quarta" e "quartinha", estão distribuídos em todo o Estado de forma homogênea. Ao passo que as outras variantes aparecem isoladas.

O termo-base, "quartinha", ainda pode ser analisado com base nas realizações fonéticas distintas apresentadas para retratar a fala dos informantes:

Transcrição fonética: QUARTINHA (anexo 15)

[ 'Kwah 'tĩja ]

[ 'Kwah 'tĩa ]

[ 'Kwah 'tĩna ]

[ 'kwah 'tĩ ]

[ 'kwaj 'tĩja ]

Através dessas transcrições vemos que a o diminutivo "-inha", na realização fonética [ 'kwah 'ti ], foi reduzido para "im" [i]. Isso revela um dos traços da linguagem regional paraibana, principalmente nas pessoas sem instrução, há uma tendência em reduzir a sílaba final das palavras no diminutivo.

## CONCLUSÕES

A pesquisa para a elaboração desta dissertação foi realizada no Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB) em se procurou observar alguns aspectos do falar paraibano, com base nos resultados obtidos através das cartas léxicas e fonéticas que compõem o Atlas.

Verificamos, mediante a análise das cartas, que cada termo reúne, na sua essência, a realidade sócio-cultural dos falantes.

Os linguistas admitem que no interior da língua falada existe uma língua comum, caracterizada por um conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais que, do ponto de vista da elaboração é simples, mas correta (apud. PONTES, 1991). Daí porque não se deve dissociar a língua do aspecto sócio-cultural. Acreditamos, por isso, que o ALPB cumpre o seu papel de apresentar uma imagem dos fatos linguísticos das várias microrregiões do Estado, colocando à nossa disposição uma visão geral das particularidades léxicas e fonéticas apresentadas pelos diversos informantes, naquele momento da pesquisa.

Observamos, através da transcrição fonética, as diferentes formas de pronúncia para uma mesma palavra. Tal diversificação revela uma das particularidades da sociedade brasileira que é a coexistência de culturas distintas ocupando o mesmo espaço. Nela, cada grupo tem sua tradição e seu modo de falar que são passados de geração a geração, como parte de uma herança familiar e de socialização do seu grupo.

Ainda com relação à transcrição fonética, verificamos a alta frequência da queda de segmentos consonantais no final das palavras, sobretudo dos fonemas /l/, /r/, /s/ e /d/, no grupo /nd/, constituindo um repertório de realizações fonéticas comuns na linguagem regional.

Durante a análise, percebemos que o emprego das comparações também atua como traço ou recurso da oralidade na diversas regiões do Estado, uma vez que relaciona um elemento e outro não somente no que se refere à qualidade, mas também à identidade entre os dois elementos, dando à comunicação uma expressividade que vai além do plano linguístico que a estrutura traduz.

A substituição de termos específicos por termos genéricos constitui outro ponto considerável na análise das cartas.

Reveste-se de suma importância a pesquisa realizada, uma vez que nos possibilitou penetrar no universo linguístico do falar paraibano nos seus mais variados aspectos.

De qualquer forma, as conclusões a que chegamos, estão sujeitas a estudos posteriores, visto que este trabalho representa apenas uma pequena porção no universo da Dialectologia.

Esperamos que esta pesquisa signifique, de um lado, a conclusão de apenas uma etapa de investigação dialetológica na Paraíba e de outro, a abertura de novos caminhos que possivelmente conduzirão a resultados diversos dos nossos.

## NOTAS BIBLIOGRAFICAS

1. AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná. Vol. I Tese (Doutorado). UNESP: Assis-São Paulo, 1990.
2. ALMEIDA, Maria de Fátima. O místico-religioso em José Lins do Rego. João Pessoa. 1988. (Dissert. Mestrado).
3. ARAGÃO, Maria do S.S. de. Atlas Linguístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas. Vol 1. UFPB/CNPq, Coordenação Editorial: Brasília. 1984.
4. \_\_\_\_\_ Atlas Linguístico da Paraíba: análise das formas e estruturas linguísticas encontradas. Vol 2. UFPB/CNPq, Coordenação Editorial: Brasília, 1984.
5. ARAGÃO, Maria do S.S. de. Linguística aplicada aos falares regionais. A União: João Pessoa, 1983.
6. ARAGÃO, Maria do S.Silva de. et. al. Glossário aumentado e comentado de A BAGACEIRA. A União: João Pessoa, 1984.
7. BORBA, F. da Silva. Pegueno vocabulário de linguística moderna. Nacional: São Paulo, 1975.
8. CABRAL, Leonor Seliar. Introdução a linguística. 7 ed. Globo Rio de Janeiro, 1988.

9. CAMARA JR, J. Mattoso. Dicionário de linguística e gramática, 14 ed. Vozes: Petrópolis, 1988.
10. DUBOIS, J. et al. Dicionário de linguística. Cultrix: São Paulo, 1978.
11. DUCROT, O. e TUDOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2 ed. Perspectiva: São Paulo, 1988.
12. GARCIA, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna. Fund. Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1983.
13. GECKELER, Horst. Semántica Estructural y teoria del campo léxico. 2 ed. Gredos: Madrid, 1976.
14. GREIMAS, A.J. Semantica estructural: investigacion metodológica. Gredos: Madri, 1971.
15. IORDAN, Iorgu. Introdução A linguística românica. Tradução de Júlia Dias Ferreira. 2 ed, Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1962.
16. JOTA, Hélio dos Santos. Dicionário de linguística. Presença: Rio de Janeiro, 1976.

- 17.LIMA,Geralda de Oliveira Santos. Aspectos linguísticos do léxico do ceramista em Sergipe. João Pessoa,1978.Dissertação(Mestrado) UFPB/CCHLA.
- 18.LUCENA, G. Soares. O léxico da pesca em Cabedelo. João Pessoa. 1983. Dissertação(Mestrado).
- 19.LYONS, John. Introdução à linguística teórica. Trad. Rosa V. Mattos e Silva e H. Pimentel. Nacional/EDUSP: São Paulo,1979.
- 20.MULLER, Charles. Iniciation à la statistique linguistique. Larousse: Paris,1968.
- 21.PONTES, M. das Neves Alcântara de. A influência da língua falada no léxico de "Menino de Engenho" de José Lins do Rego. João Pessoa. 1991. Dissertação (Mestrado).
- 22.PRETI,Dino. Sociolinguística: os níveis da fala. 6 ed. Nacional: São Paulo, 1987.
- 23.RECTOR,Mônica. A linguagem da juventude: uma pesquisa geo-socio-linguística. Vozes: Petrópolis,1975.p.24.
24. \_\_\_\_\_, Para ler Greimas. Rio de Janeiro. Francisco Alves 1978.
- 25.ROBINS, H.R. Linguística Geral. Globo: Porto Alegre, 1977.
- 26.SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Cultrix:

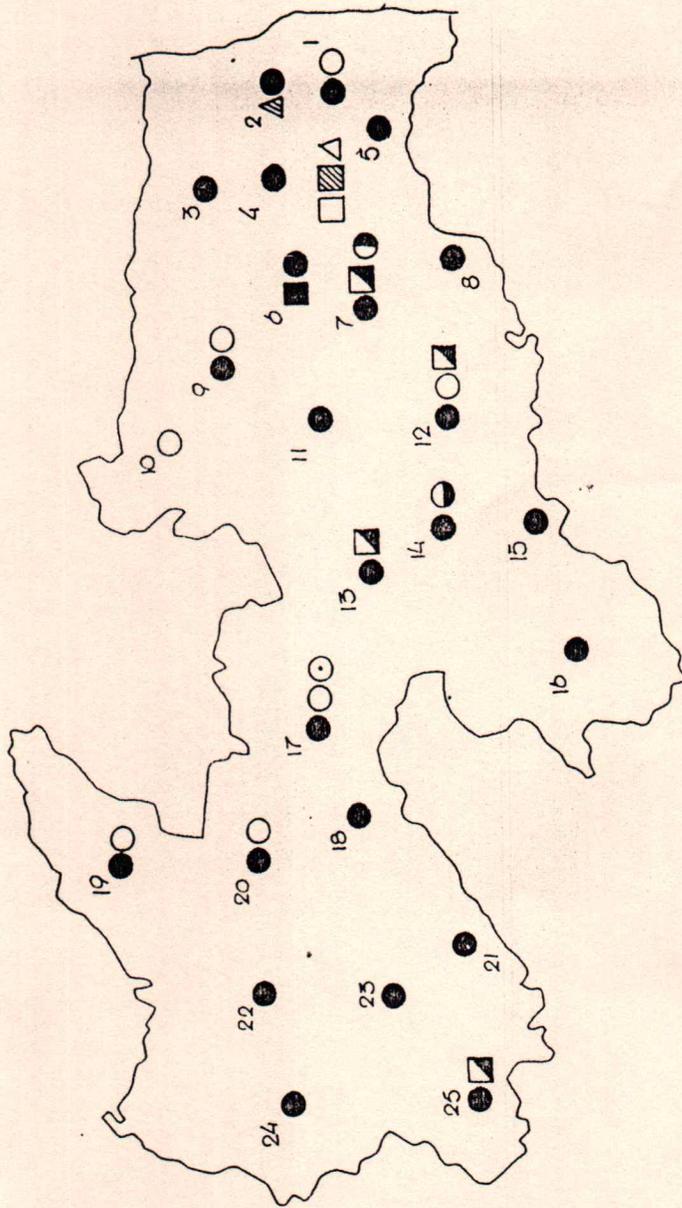
São Paulo, 1971.

27. SCHAFF, Adam. Introdução à semântica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

28. SILVA NETO, Serafim da. Guia para estudos dialetológicos. 2 ed. Amazônia: Belém, 1958. .

29. ULLMANN, Stephen. Semântica - uma introdução à ciência do significado, 5 ed. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1964.

A N E X O S



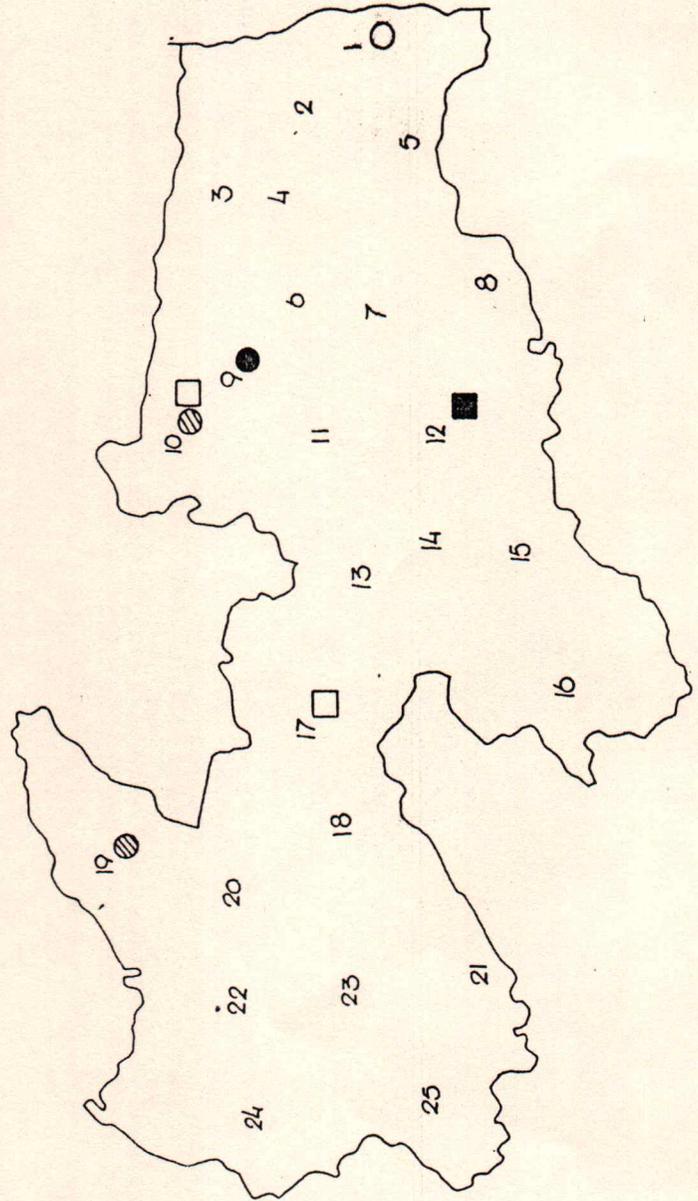
CONVENÇÕES :

- RIACHO
- CÓRREGO
- ◐ CORRENTE
- ◑ BAIXIO
- ◒ CORRENTEZINHA
- △ VALETA
- ▲ OLHEIRINHO
- ◓ CORRENTEZA
- FONTE
- ▨ FONTEZINHA
- VERTENTE

Anexo 2

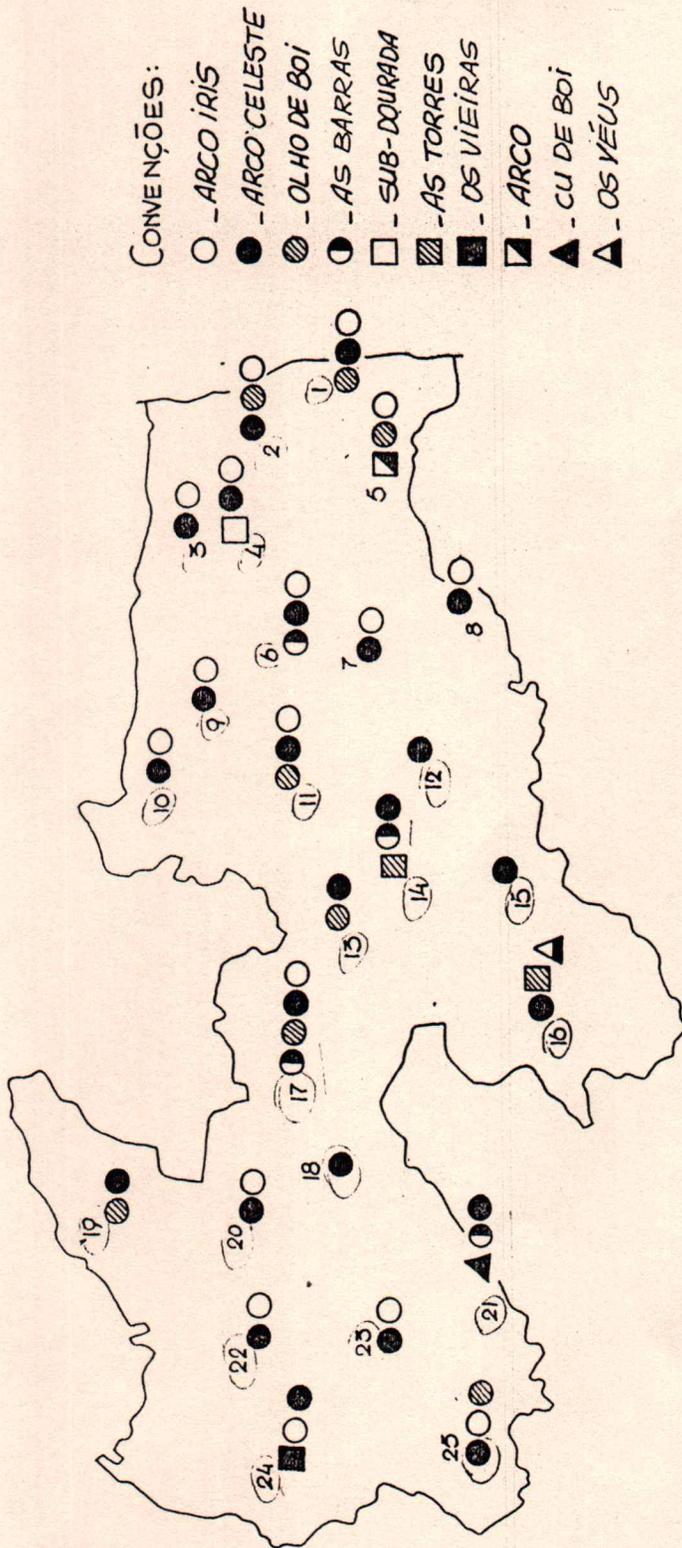
Atlas Lingüístico da Paraíba

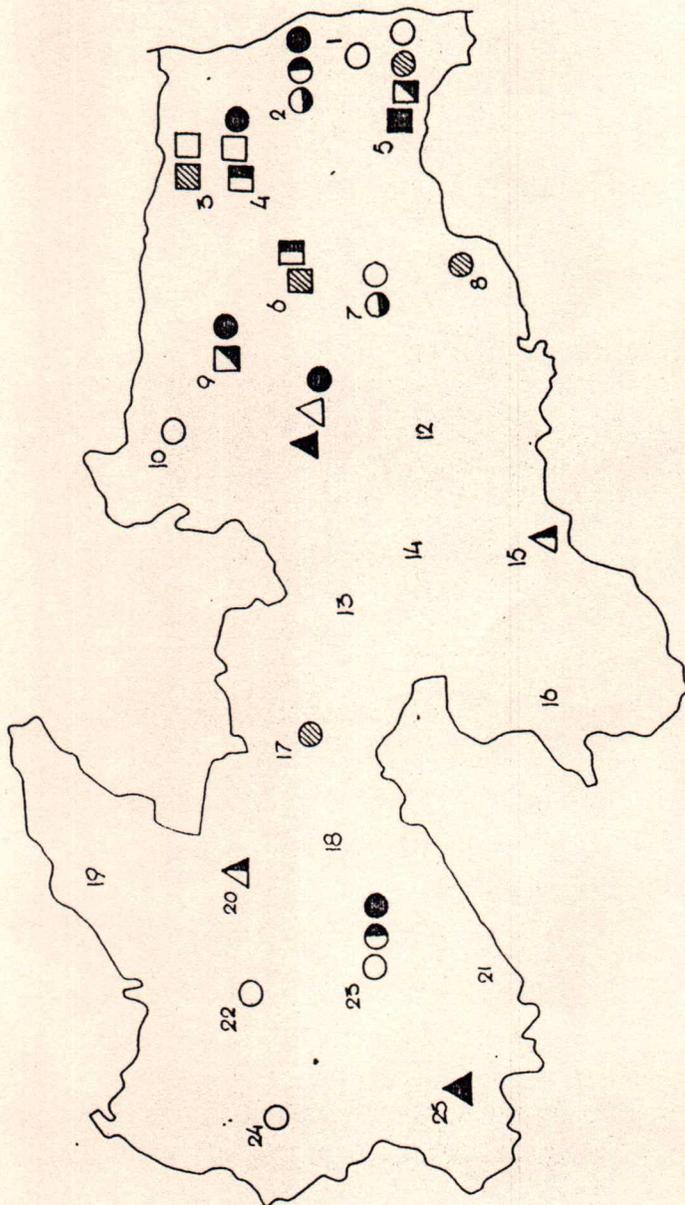
Carta nº 002 • Córrego



CONVENÇÕES:

- — [ 'kəŋgɨ ]
- — [ 'kəhɨgɨ ]
- ⊘ — [ 'kəjɨgɨ ]
- — [ 'kəhɛgɨ ]
- — [ 'kəliɨgɨ ]

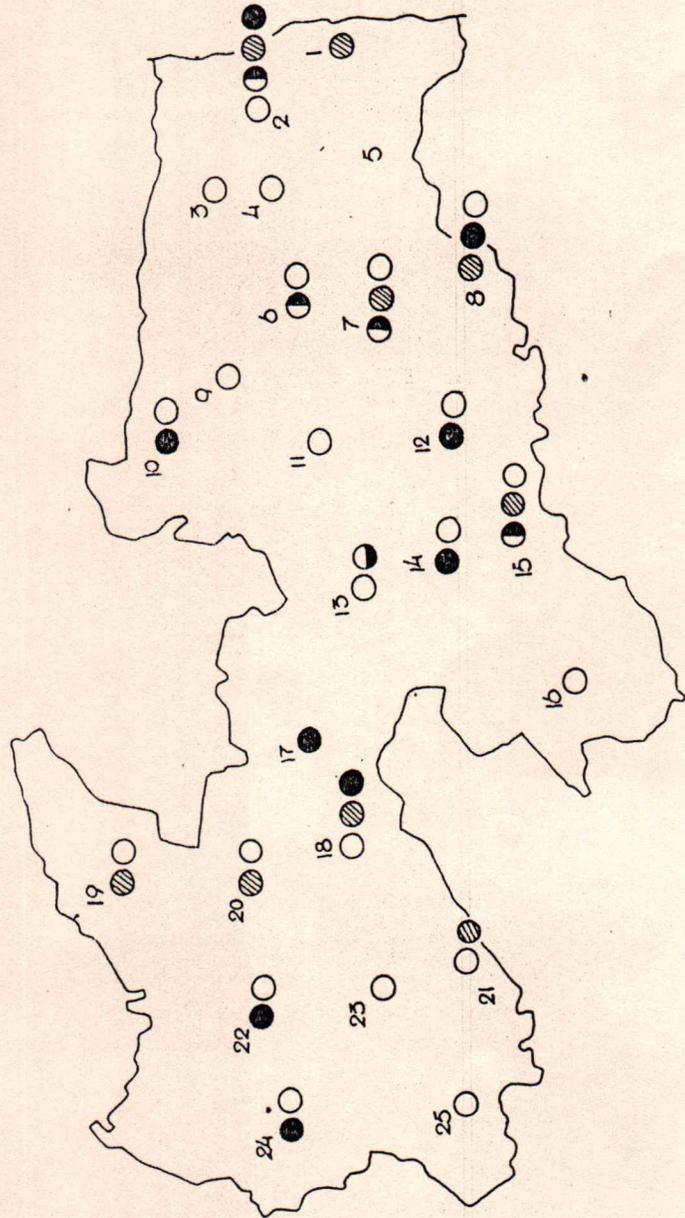




CONVENÇÕES:

- - ['ahku 'iri/s ]
- - ['ahku 'iri ]
- ◐ - ['ahku ]
- ◑ - ['aku 'iri ]
- ◒ - ['awku 'iri ]
- ◓ - ['irú ]
- ◔ - ['ahku 'irú ]
- ◕ - ['awku 'irú ]
- ◖ - ['ajku 'iri/s ]
- ◗ - ['aku 'iri ]
- ◘ - ['ahku 'i ]
- ◙ - ['ajku 'iri ]
- ◚ - ['awku 'iri/s ]

Anexo 5

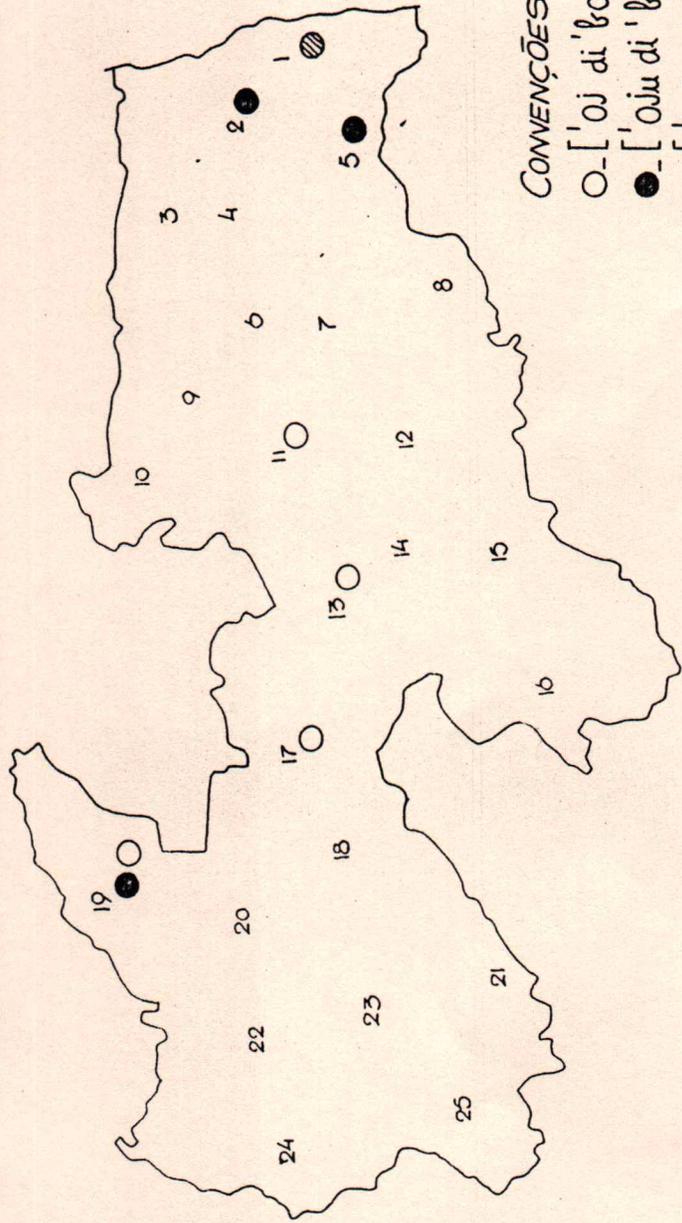


CONVENÇÕES.

- - [ 'ahku be 'ɛsti ]
- - [ 'ajku be 'ɛsti ]
- ◐ - [ 'awku be 'ɛsti ]
- ◑ - [ 'aku be 'ɛsti ]
- ◒ - [ 'ahku be 'ɛ ]

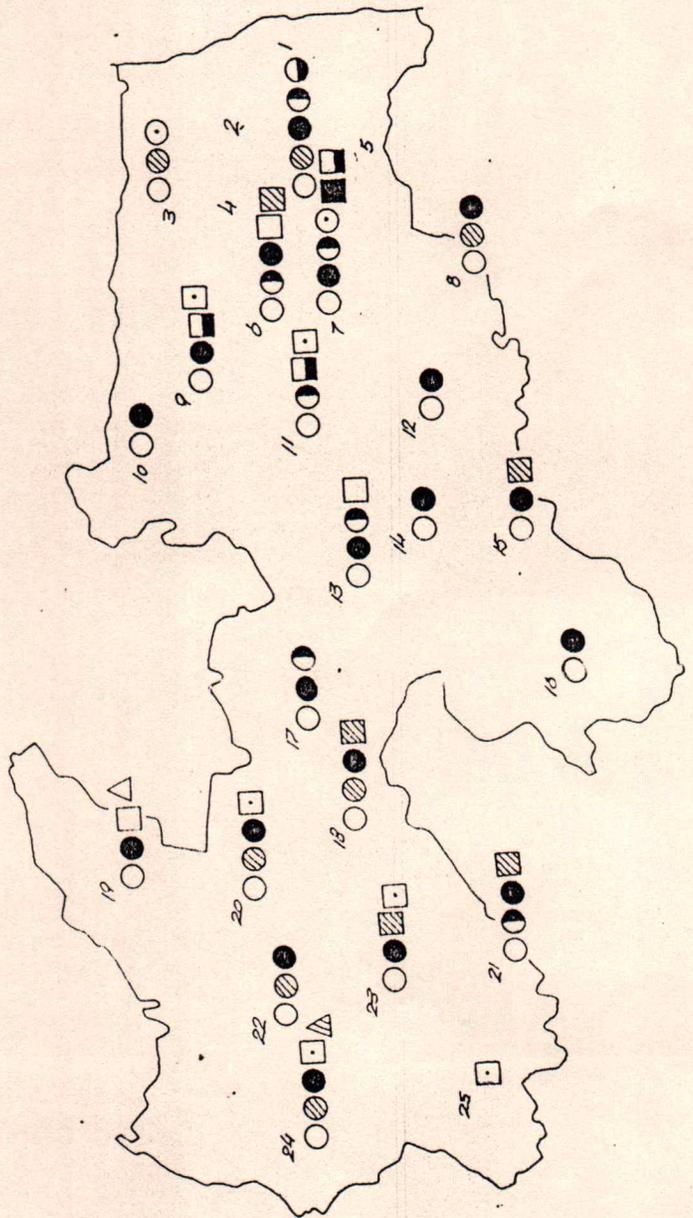
Anexo 6

Atlas Lingüístico da Paraíba  
Carta nº 033 • Olho-de-boi



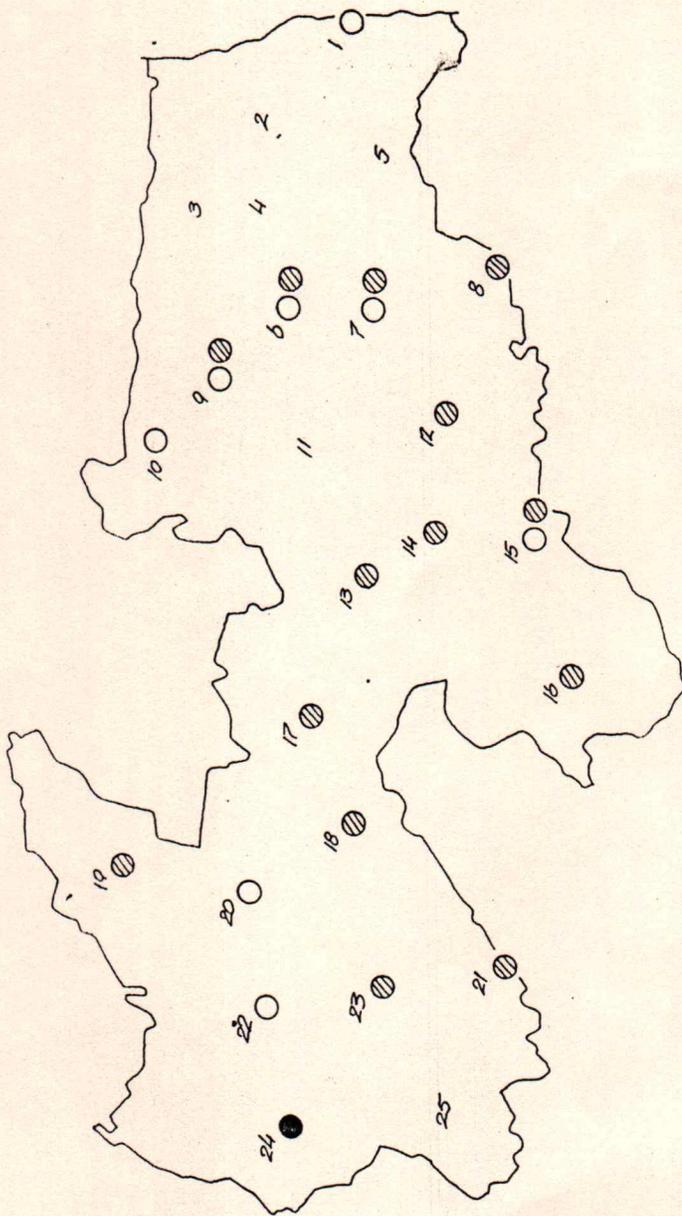
CONVENÇÕES:  
○ [ 'oj di 'boj ]  
● [ 'oju di 'boj ]  
⊙ [ 'Oku di 'boj ]

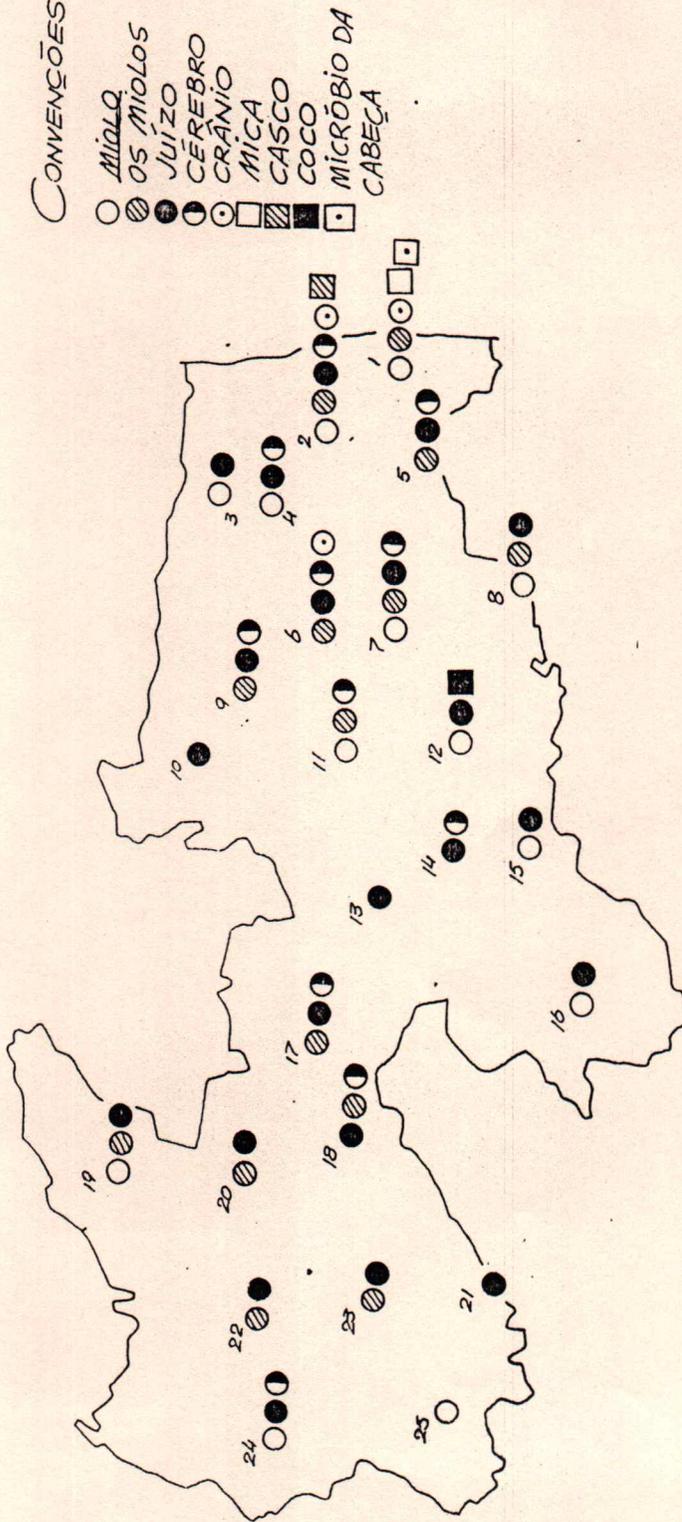
- CONVENÇÕES
- CACHACEIRO
  - ◐ BEBÃO
  - BÊBADO
  - ◑ EMBRIAGADO
  - ◒ ENCACHAÇADO
  - ◓ VÍCIADO
  - ◔ MELADO (VIVER)
  - ◕ PINGUNÇO
  - ◖ ALTO DO CHÃO (VIVER)
  - ◗ CANEIRO
  - ◘ BESARRÃO
  - ◙ PUXANDO FOGO (VIVER)
  - ◚ ALAMBIQUE



CONVENÇÕES

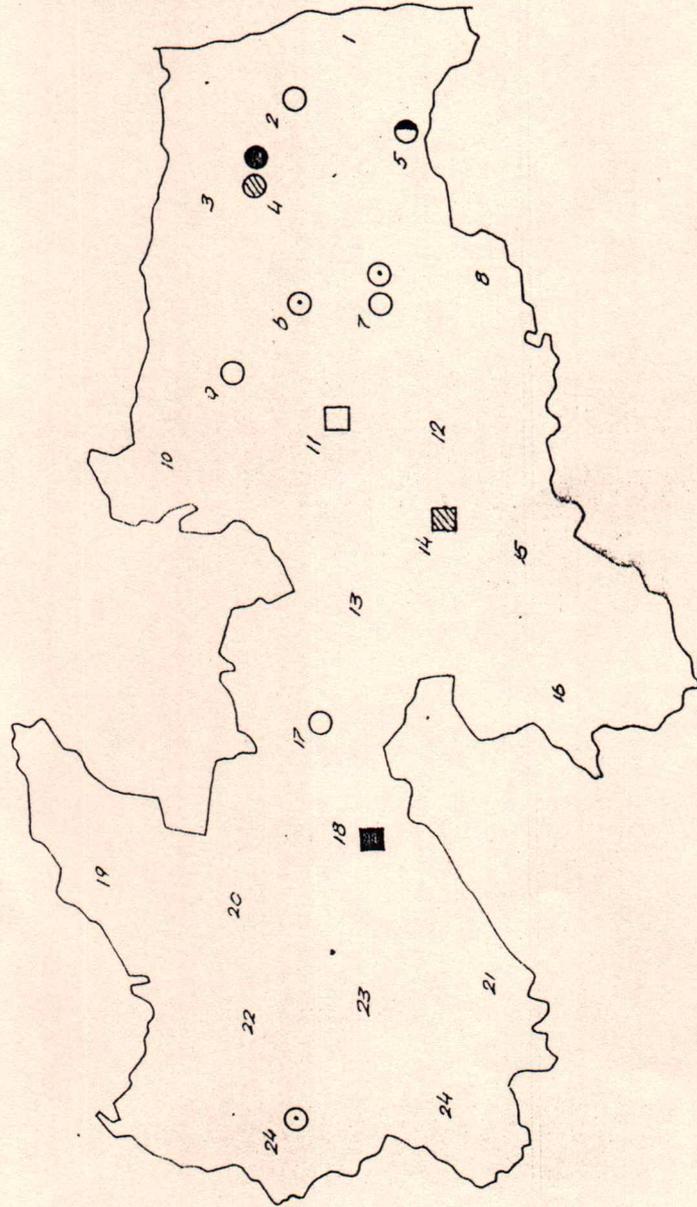
- [ 'bebadu ]
- ◐ [ 'bebu ]
- [ 'bebedu ]

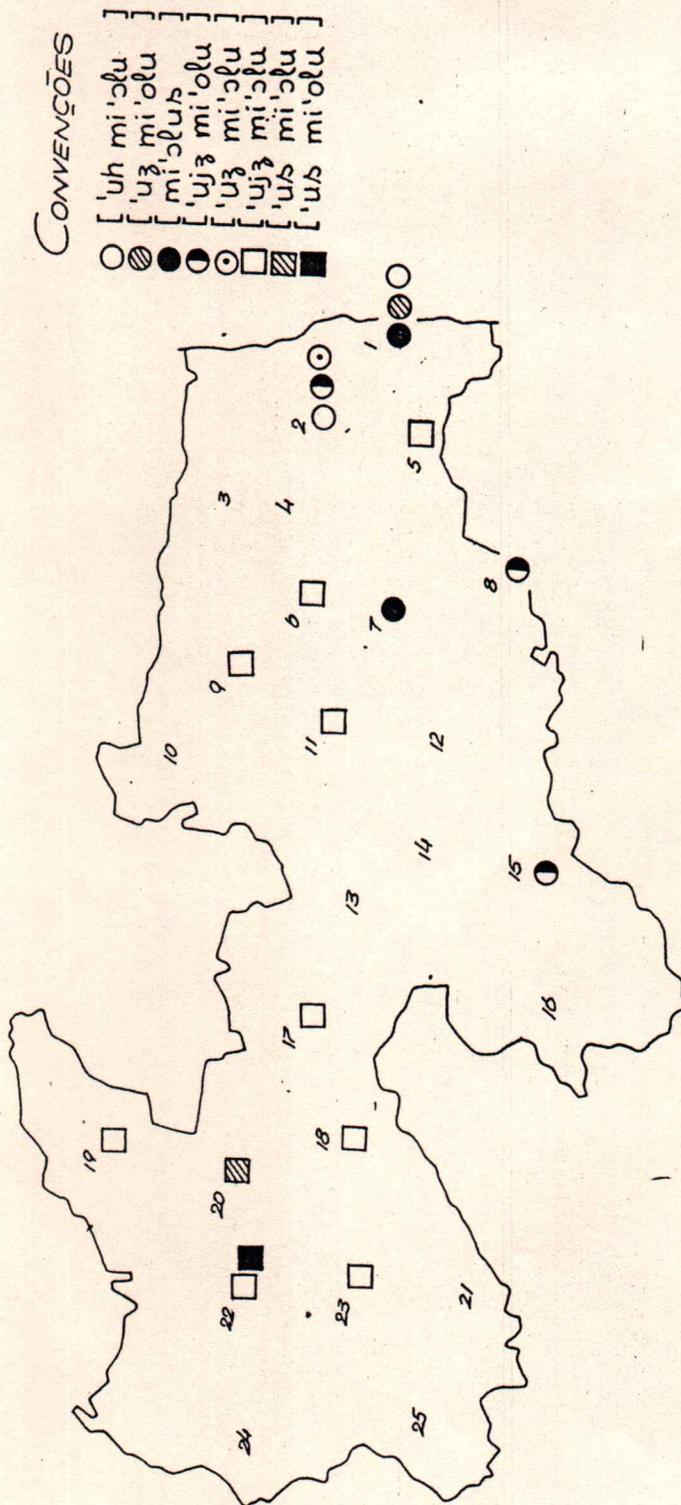




CONVENÇÕES

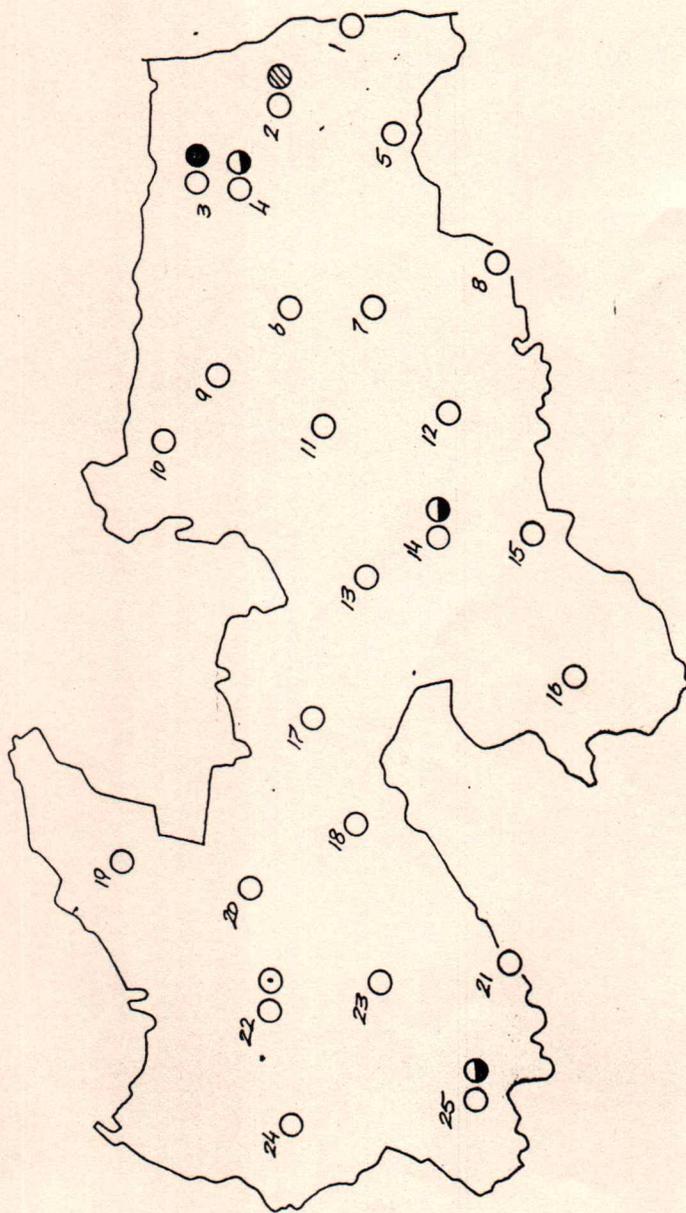
○	]	'sereβru	]
◐	[	u'seβru	]
●	[	'seβru	]
◑	[	u'seββu	]
◒	[	'seββu	]
◓	[	'seβru	]
◔	[	'seβu	]
◕	[	'seββu	]





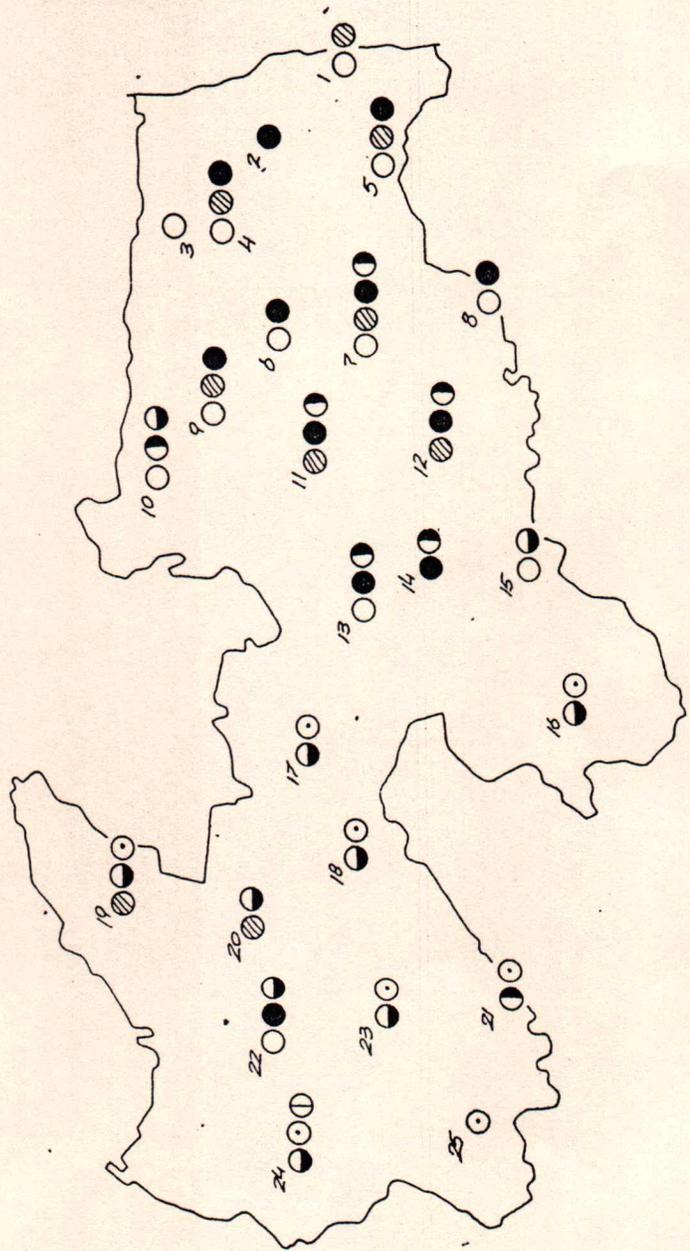
CONVENÇÕES

- URUPEMA
- ◐ PASSADEIRA
- ESCORREDEIRA
- ◑ FENEIRA DE PALHA
- ◒ QUIBANO



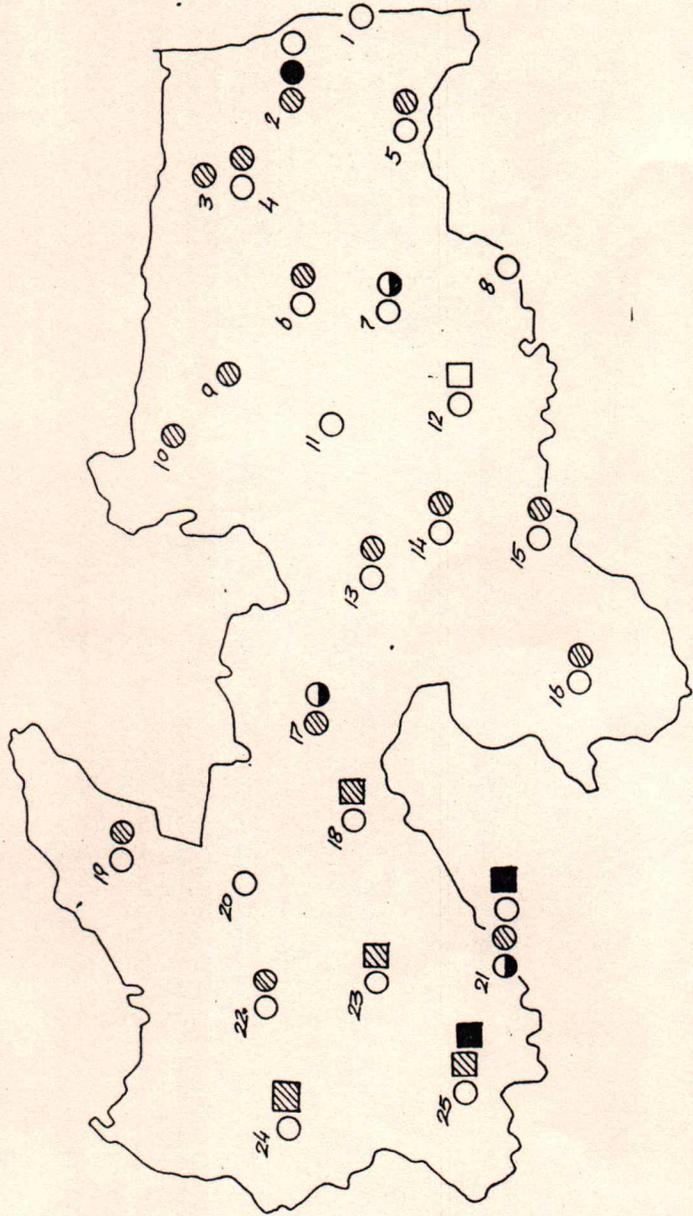
CONVENÇÕES

- - ◐
  - 
  - ◑
  - ◒
  - ◓
  - ◔
- [ ] u'pêma  
 [ ] u'pêma  
 [ ] a'u'pêma  
 [ ] u'pêba  
 [ ] a'u'pêba  
 [ ] u'pêba  
 [ ] u'pêba



CONVENÇÕES

- QUARTA
- BILA
- QUARTINHA
- MORINGA
- FRIADEIRA
- BOTIJA
- ▨ CABAÇA DE BARRO



Atlas Lingüístico da Paraíba

Carta nº 113 • Quartinha

CONVENÇÕES

- Kwah'tija
- ◐ Kwah'tia
- Kwah'tina
- ◑ Kwaj'tija
- ◒ Kwah'ti

